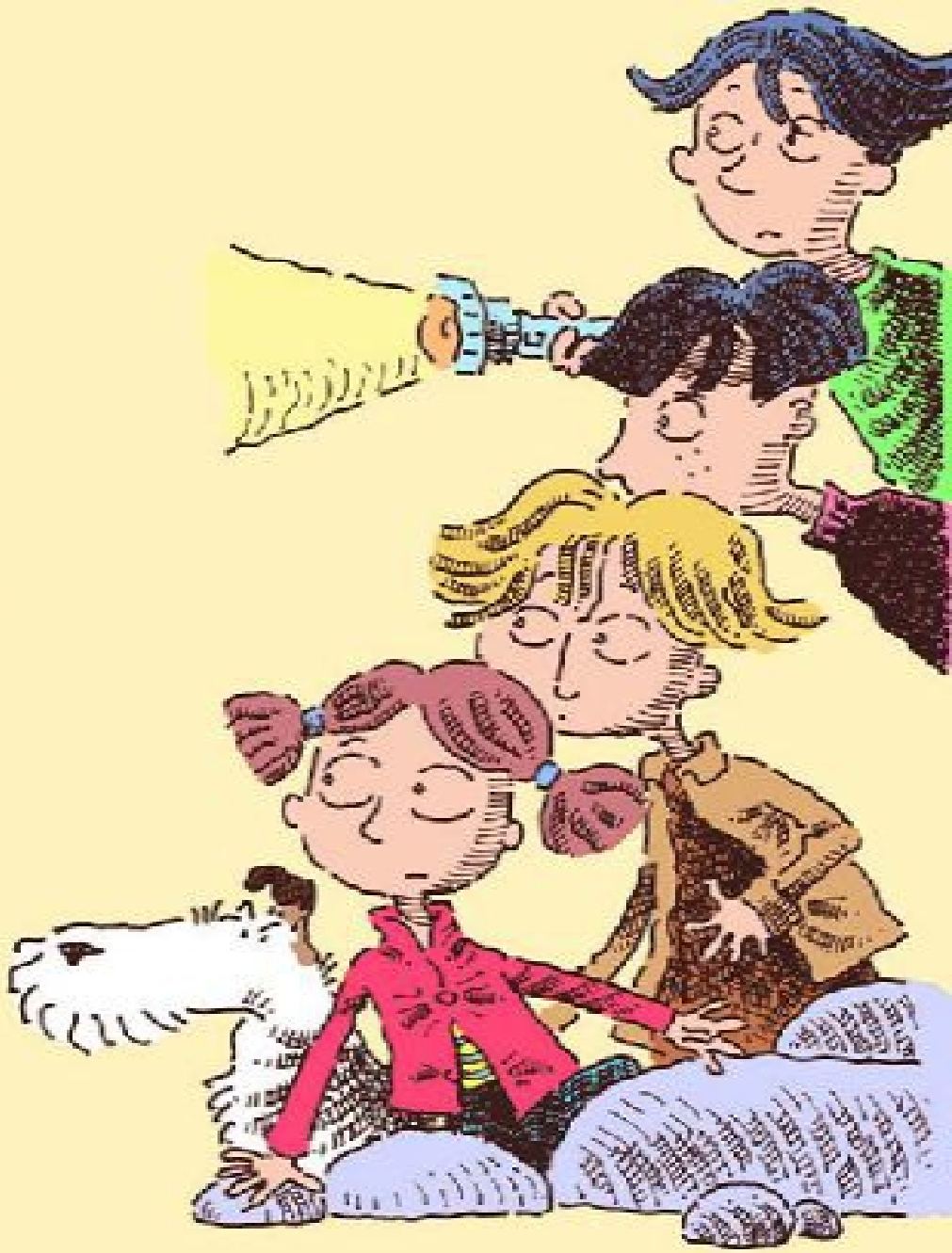
COLEÇÃO
Cachorrinho Samba





MARIA JOSÉ DUPRÉ

A Mina de Ouro

ea
editora ática

A Mina de Ouro



COLEÇÃO
Cachorrinho Samba

MARIA JOSÉ DUPRÉ

A Mina de Ouro

Ilustrações
Cris & Jean

editora ática



SUMÁRIO

SUMÁRIO
OS PREPARATIVOS
UM CAMINHO DESCONHECIDO
QUAL SERÁ O FIM DESTE CAMINHO?
PERDIDOS NO MORRO JARAGUÁ
O LAGO TEM UM SEGREDO
ENCONTRAM A MINA DE OURO
A PRIMEIRA NOITE NA MINA
UM DIA MAIS
A FOME RONDA A MINA DE OURO
OS SONHOS DE QUEM TEM FOME
COMEÇAM A TRABALHAR
VAMOS REZAR
NO DIA SEGUINTE
A PRIMEIRA REFEIÇÃO
MAIS DESCOBERTAS
ONDE ESTÁ HENRIQUE
ONDE ESTÁ SAMBA?
UM NOVO LAGO
O BARULHO MISTERIOSO
OSCAR DESAPARECEU
A BUSCA

A VOLTA DO COMPANHEIRO
A HISTÓRIA DE OSCAR
A GRUTA DOS MORCEGOS
OUTRA TENTATIVA
OS OLHOS NA ESCURIDÃO
O ANIMAL DESCONHECIDO
O ULTIMO DIA
SALVAÇÃO
EM CASA
ORELHA DO LIVRO



1

OS PREPARATIVOS



Henrique, Eduardo, Quico e Oscar resolveram fazer um piquenique no Morro do Jaraguá. Convidaram as duas primas Vera e Cecília. Seria uma boa turma. Lembraram-se de levar também o cachorrinho Samba.

Durante a semana fizeram os preparativos; os mais gulosos combinaram levar coisas gostosas numa grande cesta de vime: ovos cozidos, sanduíches

de queijo, cachorros-quentes e várias garrafas de guaraná, assim como copos de papel. Henrique que tinha uma lâmpada a pilha, disse logo:

— Vou levar minha lâmpada, pode ser que a gente precise.

Os outros riram e Cecília perguntou:

— Você pensa que vamos passar a noite lá? Deus nos livre!

Quico não disse nada a ninguém e no dia do piquenique amarrou uma corda na cintura, debaixo do paletó. Pensou consigo mesmo que uma boa corda é sempre necessária numa excursão.

Era um belo domingo de abril. Os meninos levantaram-se de madrugada, despediram-se dos pais e, depois de ouvirem uma porção de recomendações, partiram.

Padrinho levou-os de automóvel até o Jaraguá e deixou-os ao pé do morro. Disse-lhes que tivessem cuidado e não voltassem muito tarde, e que à noitinha estaria novamente naquele ponto para regressarem juntos à cidade.

A alegria empolgava a meninada. Todos estavam alegres e dispostos a fazer uma bela excursão. E como nessas ocasiões é preciso haver um chefe, Henrique, por ser o mais velho, foi escolhido para comandar o bando composto por Vera, Cecília, Oscar, Eduardo e Quico. O cachorrinho Samba trotava atrás deles, com as orelhas em pé, animado e contente.

Henrique ordenou que os meninos se revezassem de dois em dois para carregar a cesta do almoço, que era grande e pesada. As duas meninas disseram que também ajudariam a levá-la.

Despediram-se de Padrinho e iniciaram a subida do morro. A princípio não houve novidade. Quando sentiam que a cesta estava pesando muito, passavam para outros dois e assim iam caminhando.

A paisagem era muito bonita e os meninos paravam a todo momento para apreciá-la. Ao meio-dia fizeram uma parada longa. Descansaram, comeram alguns sanduíches, beberam água que levavam numa garrafa, deram um pouco ao cachorrinho e continuaram a marcha.

Henrique ia quase sempre na frente. Em certo momento ele disse aos companheiros:

— Dizem que antigamente havia muito ouro aqui no Jaraguá.

— E se descobríssemos ouro? — perguntou Eduardo muito animado.

— Ouro? Você pensa que a gente encontra ouro assim a toa? — falou Henrique.

Fizeram segunda parada quando já passava das treze horas e todos estavam com fome. Sentaram-se e trataram de comer o belo almoço que haviam

levado. Samba também sentou-se nas patas traseiras e esperou que lhe servissem um bom pedaço de salsicha.

— Estão com coragem de continuar? — perguntou Henrique. — Falta ainda muito para chegarmos ao fim.

— Estamos — responderam todos, quase ao mesmo tempo.

Tomaram guaraná, descansaram mais um pouco e resolveram prosseguir. Foi então que aconteceu uma coisa extraordinária. Oscar foi o primeiro a se levantar; subiu atrás de uma pedra e gritou para os primos:

— Aqui há um buraco na terra! Venham ver.

Todos foram ver e Samba que era muito curioso, entrou logo no buraco; era grande, cabia uma pessoa de pé dentro dele. Não era muito escuro e via-se lá no fundo uma claridade. Vera disse:

— Deve ser um caminho que atravessa o morro. Olhem o sol do outro lado.

Cecília e Quico foram entrando e dizendo:

— Vamos ver onde vai dar isso. Quem sabe é um caminho novo?

— É perigoso a gente se perder — avisou Eduardo.

— Você não está vendo o sol do outro lado? — perguntou Vera rindo.

Todos entraram na abertura no meio do morro para ver que caminho era aquele; resolveram deixar a cesta ali perto da entrada. Colocaram-na ao lado da abertura, bem coberta com a toalha que haviam trazido. Entraram e andaram alguns minutos em completa escuridão. Henrique lembrou:

— Chegou a hora de se aproveitar a lâmpada a pilha...

Tirou-a do bolso, acendeu-a e o caminho diante deles ficou mais claro, Cecília que agora ia na frente, ao lado do cachorrinho, deu alarme:

— Parece que estou vendo uma escada cavada na pedra. Que será?

— Deixa ver — disse Henrique, pondo a lâmpada naquela direção.



2

UM CAMINHO DESCONHECIDO



Todos viram alguns degraus feitos na rocha e começaram a descer um pouco hesitantes. Vera, muito cautelosa, parou no meio da escada e disse:

— Eu acho melhor voltarmos daqui; a gente não sabe onde vai dar esta escada de pedra. Parece um buraco.

— Qual o quê! — disse Quico cheio de coragem. — Você não está vendo que esta escada vai dar no outro lado do Jaraguá? Antigamente, os homens

que procuravam ouro fizeram esta escada para descer à mina. Garanto que é isto. Vamos continuar?

— Vamos — disseram os outros, curiosos por ver onde ia dar aquela escada tão esquisita.

Vera suspirou, olhou para trás e resolveu acompanhá-los; não queria ficar sozinha naquele lugar desconhecido; percebeu logo que estavam errados e não deviam se aventurar ali.

O cachorrinho estava na frente, latindo. Não viram coisa alguma, apenas um caminho que continuava depois do último degrau. Henrique iluminava com a lâmpada os lugares que atravessavam. Samba deixou de latir e acompanhou-os. Cecília perguntou:

— Samba, o que você viu? Por que estava latindo?

— Vai ver que há algum bicho escondido por ali — falou Quico.

— Não há bicho algum — disse Vera um pouco assustada — Que bicho gostaria de ficar nesta escuridão debaixo da terra?

— Tatu — respondeu Eduardo. — Você não sabe que tatu vive embaixo da terra?

— Tatu é aquele bicho que faz buraco no chão. É mamífero — disse Oscar. — Estudei isso na escola outro dia.

— Tatu morde? — perguntou Cecília.

— Não, não morde — respondeu Quico. — Mas assusta a gente e eu não gostaria de encontrar um deles. Ainda mais aqui...

Iam andando devagar e com cuidado. Henrique voltou-se para falar:

— Parece que estamos descendo cada vez mais. Acho que vamos parar no meio do morro. Não será melhor voltarmos daqui?

— Acho que devemos voltar — falou Vera que não estava gostando daquele passeio na escuridão.

Os outros protestaram:

— Que mal há em continuarmos mais um pouquinho? Só para ver onde vai dar este caminho?

— Quem sabe vamos descobrir ouro?

Se descobrirmos ouro, ficaremos riquíssimos.

Perigo não há. Perigo de quê? E depois Samba está aqui para avisar quando houver perigo.

Depois que cada um deu sua opinião, Henrique tornou a falar:

— Bem, eu, como chefe da turma, apenas perguntei a opinião de vocês. Como a maioria quer continuar, vamos para diante.

— Eu só tenho medo de uma coisa — falou Vera.

— De quê? — perguntaram.

— De nos perdermos aqui dentro.

Riram-se todos e Cecília disse:

— Pois disso eu não tenho medo. Olhe para trás e veja a escada por onde viemos; quando a gente quiser, volta outra vez.

Vera olhou para trás; nada se via porque a escuridão era muito forte e mal se percebia a escada. Ela quis dizer que o mais certo era voltar, mas resolveu ficar calada; todos queriam continuar a excursão e ela não desejava tirar a alegria dos companheiros.



3

QUAL SERÁ O FIM DESTE CAMINHO?



Durante uns vinte minutos, continuaram a andar, um dando a mão ao outro; Samba ia juntinho deles, estranhando aquele lugar tão escuro. De súbito Henrique gritou:

— Alto!

Pararam todos. Ele tornou a falar:

— Nós estamos nos aventurando muito. Penso que não devemos ir para diante, pois não sabemos onde iremos parar. E depois... qual será o fim deste caminho?

— Você está com medo? — perguntou Eduardo.

— Não estou com medo, acho que estamos andando por aqui sem lucrar nada. Viemos para andar em cima do Jaraguá e não dentro dele. Podemos nos perder neste labirinto.

— Não há perigo de nos perdermos — disse Eduardo. — Eu sei voltar perfeitamente; o caminho é um só, não há labirinto.

Oscar deu opinião:

— Henrique é o chefe do bando; se ele acha que convém voltar daqui, devemos obedecer. Que adianta ter um chefe?

Os outros disseram:

— Oscar tem razão, vamos voltar.

Quico resmungou:

Que pena! Eu queria tanto ver onde vai dar este caminho. Garanto que é na mina de ouro.

Cecília e Eduardo apoiaram Quico:

— É mesmo pena a gente não continuar depois de haver chegado até aqui. Nós também gostaríamos de ver.

Vera protestou:

— Vamos voltar que é melhor. Não gosto de andar em lugares desconhecidos.

— Mas você foi a primeira a entrar no buraco — falou Cecília.

— Mas agora estou vendo que não vale a pena continuar — respondeu Vera. — Não se sabe onde se está andando, não se enxerga nem a parede deste túnel.

Henrique disse:

— Se quiserem continuar, eu empresto a lâmpada. Está aqui.

Ofereceu-a a Quico. Vera tornou a protestar:

— Não nos devemos separar. Ou vamos juntos ou voltamos juntos.

Henrique teve uma ideia:

— Vamos tirar a sorte que é melhor. Querem ver?

Procurou uma moedinha no bolso, perguntou a Quico se ele queria cara ou coroa, jogou a moedinha na palma da mão e iluminou-a com a lâmpada. Quico disse coroa — e a moeda mostrava que ele havia ganho.

Quico, porém, mostrou-se um pouco aborrecido:

— Sabem de uma coisa? Vamos desistir de continuar, acho que é perigoso a gente se aventurar por aqui.

— Muito bem — disse Vera. — Apesar de Quico haver ganho a sorte da moedinha, teve mais juízo querendo voltar.

— Então vamos todos juntos — falou Oscar. — Continuaremos a excursão fora do Jaraguá.

Henrique colocou-se à frente do bando. Deram-se as mãos e trataram de fazer o caminho de volta. Cecília que estava em último lugar, perguntou:

— Onde está Samba? Samba!

— Está aqui na frente — respondeu Henrique, iluminando o caminho com a lâmpada.

Começou a volta. Caminhavam silenciosos, sem falar muito. Andaram durante vinte minutos, depois mais vinte minutos; com a própria lâmpada Henrique via as horas em seu relógio de pulso. Nada dizia, mas estava estranhando o caminho. Vera foi a primeira a reparar:

— Nós não tínhamos passado antes por aqui, reparem bem. Quando fomos, parece que o túnel era mais largo.

— Estamos certos — respondeu Cecília. — Estou reparando bem.

Pararam um instante e Henrique iluminou com a lâmpada todos os recantos. Estavam numa espécie de gruta toda de pedra; num canto havia água escorrendo pelas paredes.

— Nós não tínhamos passado por aqui —falou Quico. — Estamos em caminho errado.

— Para falar a verdade, estava tão escuro que nem reparei — disse Oscar olhando à volta.

Henrique coçou a cabeça:

— Vamos voltar um pouco? Ali atrás parece que havia dois caminhos; vamos experimentar o outro.

Procuraram Samba; ele estava lambendo a pedra por onde corria um fiozinho de água.

— Coitado, está com sede. Henrique, ilumine aqui — disse Vera.

Ela juntou as duas mãos e quando estavam cheias de água deu de beber ao cachorrinho. Oscar falou:

— Eu também estou com sede, mas prefiro aquele guaraná que está na cesta. A gente nem sabe de onde vem esta água.

— Reparem bem nesta gruta — disse Henrique. — E agora vamos voltar pelo caminho que viemos.



4

PERDIDOS NO MORRO JARAGUÁ



Retrocederam alguns passos e foram parar numa pequena escada de pedra.

— Eu conheço esta escada — grilou Cecília toda contente. — É a escada por onde já passamos.

— Não é — respondeu Oscar. — Aquela tinha sete degraus, esta tem cinco. Eu contei.

— Vamos contar outra vez — disse Henrique iluminando a escadinha de pedra.

Contaram em voz alta:

— Um — dois — três — quatro — cinco. Tem só cinco degraus.

— A outra linha sete — repetiu Oscar. — Contei muito bem.

— Oscar tem razão! A parede aqui parece de carvão...

Quico passava as mãos pela parede, era feita de uma pedra escura e áspera. As meninas foram apalpar as paredes. Vera disse:

— Vejam como esta parede brilha. Que pedra esquisita!

— Isso não é pedra, é ouro — disse Oscar com um grito.

— Por isso é que refletia lá na entrada e parecia o sol. Nossa Senhora, então estamos na mina de ouro — falou Vera, extasiada

Começaram a passar as mãos pelas paredes; quando a lâmpada iluminava as paredes, parecia que o sol estava dentro da gruta. Ficaram maravilhados.

— Precisamos sair daqui, isto é o principal — disse Henrique.

— O chefe está mandando, vamos embora — falou Cecília.

Subiram a escadinha e em cima não encontraram caminho algum; era outra gruta enorme, com o chão de pedra lisa. Voltaram novamente e procuraram o caminho por onde haviam vindo; foram dar outra vez na tal parede por onde escorria água. Tornaram a voltar e a procurar uma saída; durante mais de uma hora foram e voltaram pelos mesmos lugares; pediram ao cachorrinho que lhes mostrasse a saída daquele buraco. Samba procurava, farejava, saía de uma gruta, entrava na outra, latia, cheirava o chão e nada encontrava.

— Será que estamos perdidos? — perguntou Cecília com voz trêmula.

— Perdidos nada — respondeu Quico. — Havemos de encontrar a saída nem que seja daqui a duas horas.

Tornaram a andar, a voltar, a procurar. Henrique, sempre na frente, passava a luz em todos os recantos; depois de muito andar, sentiram um ar fresco que aspiraram com delícia. Samba correu na frente.

— Ah! Já senti o cheiro de ar livre — falou Oscar, risonho — Agora descobrimos a saída.

Ficaram surpreendidos, pois foram dar num lugar onde não haviam estado antes; era uma grande caverna e no não haviam estado a centro havia um lago.

— Um lago dentro do Jaraguá! — falou Henrique admirado.

— Nunca pensei que houvesse tanta água aqui dentro — disse Quico.

Ficaram parados diante do lago; a água era escura e quieta, havia plantas em alguns lugares e, nas margens, avencas e samambaias.

Ao redor havia uma margem estreita por onde podiam andar. Depois de permanecer uns minutos parados, resolveram dar a volta toda para ver se havia saída do outro lado.

Quico passou a mão pela parede para ver se era de terra; retirou a mão depressa dizendo que a parede era gelada, parecia pedra. Os outros fizeram o mesmo; as paredes que rodeavam o lago e formavam a abóbada, eram de pedra. Parecia um grande bloco escuro.

De repente Cecília deu um grito; no lugar onde ela havia posto a mão, um enorme morcego estava dormindo, dependurado. Ela ficou assustada e disse que não gostava de morcegos; os companheiros entreolharam-se um pouco nervosos e Oscar disse que naquela caverna tão grande, devia haver outras espécies de bichos.

Eduardo e Vera queriam saber quais os bichos que poderiam morar naquele lugar tão escuro e úmido; Oscar respondeu que talvez sapos monstruosos vivessem naquelas águas. Quico pediu:

— Henrique, ilumine o chão para vermos se não há sapos.



5

O LAGO TEM UM SEGREDO



Henrique passou a luz da lâmpada ligeiramente pelo caminho à beira do lago; era um caminho escorregadio porque era todo de pedra; em alguns pontos, minava água das paredes. Ele disse:

— Vamos devagar e com cuidado, senão podemos escorregar e cair. Vejam o Samba como anda devagar.

Vera perguntou:

— Por que precisamos andar à volta deste lago? Acho tão frio aqui dentro.

Eduardo respondeu:

— Porque talvez haja uma saída lá do outro lado; nós não estamos procurando sair de dentro do morro?

Quico resmungou:

— Já estou ficando cansado e com fome...

— Eu também — disse Cecília.

Henrique voltou-se para eles:

— Eu, como chefe da turma, não quero que se fale em fome e cansaço; vamos trabalhar para conseguir sair deste lugar. Enquanto conversam, perdem tempo. Não se esqueçam de que estamos perdidos aqui dentro e precisamos encontrar a saída. Vamos andando encontrar a saída. Vamos andando...

Henrique falou com voz enérgica; Cecília teve vontade de chorar só em pensar que estavam perdidos dentro do Morro do Jaraguá, sem ter o que comer, sem encontrar saída alguma, era horrível. Mas que fazer? Não adiantava sentar no chão e chorar, o melhor era seguir o conselho de Henrique: trabalhar com coragem para sair dali.

Cada um pôs a mão no ombro do que ia na frente e a turma seguiu Henrique que ia iluminando o caminho com a lâmpada. Samba pisava com cuidado a pedra molhada, de vez em quando o vulto do cachorrinho quase desaparecia naquela escuridão. Era aquele um lugar tão silencioso que dava medo, foram andando quase sem falar.

No meio do caminho, Henrique parou um instante e disse:

— Vou atirar esta pedra na água, vamos ver se o lago é muito fundo.

Pegou uma pedra bem maior que a mão dele e atirou-a no lago; ficaram parados, escutando. Nada. Seria possível? Então esse lago não tinha fundo? Nesse momento, ouviram um barulhinho longe, muito longe. Como era fundo! Parecia não ter fim.

Não se sabe se foi por causa da pedra, de repente todos viram as águas quietas se mexerem; parecia que alguma coisa vinha lá do fundo e ia surgir na superfície do lago.

Debruçaram-se para ver; Henrique iluminava as águas; o cachorrinho começou a latir como que assustado. Os meninos tinham os olhos muito abertos, fixos no meio do lago e as meninas ficaram bem juntinhas, brancas de susto.

As águas antes tão quietas foram formando círculos e mais círculos. Parecia que alguma coisa roncava lá dentro devia ser um bicho muito grande, quem sabe um bicho perigoso. Que fazer? Para onde fugir?

Eduardo cochichou ao ouvido de Quico:

— Por que Henrique jogou a pedra? Estou com medo. Quico falou baixinho:

— Não será melhor apagar a lâmpada? Henrique, apague a lâmpada.

Os outros começaram a cochichar para Henrique:

— Apague, apague a lâmpada.

Henrique apagou. Tudo ficou escuro, nada mais viram, só as paredes tinham brilho porque as pedras eram negras e brilhantes. Continuaram a olhar para o mesmo ponto, preocupados. Perceberam, porém, que as águas aquietaram-se outra vez e nada apareceu. Samba deixou de latir. Oscar falou:

— O lago tem um segredo e nós não sabemos o que é.

— Vamos embora daqui — disse Vera. — Por aqui não há saída alguma.

— Agora que estamos no meio do caminho, devemos dar a volta toda — falou Eduardo. — Quem sabe a saída é do outro lado? Não lembram do vento fresco que sentimos?

Com muito cuidado, deram volta ao lago; havia aqui e ali pequenas plantas e arbustos, mas como estavam com pressa, não foram ver que plantas eram aquelas. Não viram bicho algum a não ser morcegos. Foram dar no mesmo ponto de partida, sem haver encontrado saída alguma.

6

ENCONTRAM A MINA DE OURO



Deixaram o lago comentando o acontecimento. Que seria aquele barulho? Algum peixe enorme viveria no fundo do lago? Só falavam nisso enquanto iam andando pelo caminho que ia dar no centro do morro.

Eduardo disse que decerto era um monstro que vivia naquele lago e que ninguém conhecia.

— Que espécie de monstro? — perguntou Cecília.

— E se ele aparecesse para nós? — perguntou Quico. Ficaram assustados só ao lembrar que o monstro podia surgir fora das águas. Iam pensando em como encontrar a saída quando encontraram um desvio que ainda não tinham visto. Henrique colocou a lâmpada naquela direção e todos viram uma abertura pequena e baixa. Henrique falou:

— Quem sabe é este o caminho certo para sair deste buraco? Querem arriscar?

— Vamos — disse Eduardo. — Acho que devemos arriscar qualquer coisa para sairmos deste labirinto. Senão nunca sairemos. Eu vou primeiro.

— Vamos — disseram os outros.

Eduardo inclinou-se e começou quase a se arrastar através da abertura; Henrique iluminou o lugar. Samba ia junto a Eduardo, muito animado com as aventuras. Quico perguntou:

— O que você está vendo? Há alguma saída?

— Porque enquanto nada — respondeu Eduardo — Henrique, ilumine minha direita.

Ouviram um grito abafado de Eduardo; um grito de admiração.

— Que foi? — perguntou Vera — Viu alguma coisa?

A voz de Eduardo estava cada vez mais abafada pela distância; ouviram-no dizer.

— Venham. Venham ver.

Henrique ficou em último lugar; todos inclinaram-se e se arrastaram um pouco pela abertura; quando Henrique chegou e iluminou o recinto, houve gritos de espanto e admiração.

Estavam numa gruta enorme; muito alta e espaçosa e por todos os recantos havia ouro, montes de ouro brilhante e amarelo.

— Isso é ouro mesmo? — perguntou Vera.

Ouro puro — respondeu Henrique.

Que beleza! — disse Cecília apalpando as paredes.

— Esta é a verdadeira mina de ouro do Jaraguá — disse Henrique. — Ainda há pelos cantos sinais de que andou gente por aqui.

Ficaram um instante admirando a mina. Samba farejava por toda a parte. O brilho do ouro era forte e irradiava. Oscar lembrou:

— Vai ver que foi este brilho que refletiu lá fora quando entramos no moro. Aquela gruta não era nada em vista desta aqui. Que maravilha! Aquela outra gruta não era nada em vista desta aqui. Que maravilha!

— Quem sabe estamos perto da saída? — disse Quico.

— Vamos procurar — falou Vera.

Começaram a apalpar as paredes, dar pancadinhas no solo para ver se o som era diferente. Vera disse ao cachorrinho:

— Procura. Procura, Samba.

Samba procurava, arranhava o chão com as duas patinhas, farejava o ar, as paredes, ia e voltava. Foi quando Henrique disse com voz cansada:

— Companheiros sabem que horas são? Dezoito horas e trinta minutos! Padrinho deve estar nos esperando lá fora.

Ficaram admirados. Não, não podia ser, o relógio de Henrique não estava regulando bem. Vera também tinha um relógio-pulseira; viu as horas à luz da lâmpada:

- Dezoito horas e trinta minutos!

Era quase noite e eles ali dentro sem ali dentro sem encontrar saída. Que fazer?

Oscar e Eduardo sentaram-se no chão de tão fatigados. Samba deitou-se ao lado deles e fechou os olhos.

— Vamos tratar de descansar um pouco — disse Henrique. — Estamos cansados e com fome; não adianta procurar mais...

— Então estamos presos na mina de ouro? — perguntou Quico, com os olhos arregalados.

— Não adianta procurar por hoje — disse Henrique. — Vamos dormir um pouco, se pudermos... Amanhã continuaremos a procurar.

7

A PRIMEIRA NOITE NA MINA



Sentaram-se no chão, um ao lado do outro. O silêncio era profundo dentro daquele morro; não se ouvia rumor algum.

Henrique disse que ia apagar a lâmpada; a pilha podia gastar-se e no dia seguinte não teriam luz.

— E a cesta que deixamos lá fora? — perguntou Eduardo suspirando. — Tem tanta coisa gostosa...

Nesse instante Quico deu uma risadinha de alegria; pediu para que Henrique iluminasse a mão dele; mostrou, triunfante, uma pilha de sanduíches que foi tirando dos bolsos.

— Olhem o que eu tirei da cesta antes de entrarmos naquele buraco.

— Que ideia maravilhosa você teve — falou Cecília estendendo a mão e pegando um sanduíche. — Ih! De presunto e queijo misturados.

Samba percebeu logo que ali havia coisa para comer; levantou-se devagar e foi se aproximando, todo contente.

— Esperem — disse Henrique. — Vamos repartir direito estes sanduíches. A gente não sabe quanto tempo vai ficar dentro desta mina.

— Quanto tempo? — perguntou Eduardo, admirado. Não vamos embora amanhã cedo?

— Se encontrarmos a saída — falou Quico, tristonho.

Todos se olharam um pouco assustados; ainda não haviam pensado nisso. E se não encontrassem a saída? Quantos dias ficariam naquele lugar tão escuro e triste. E que pensariam os pais e Padrinho ao ver que eles não voltavam?

Henrique contou os sanduíches; havia oito, deram um para o Samba e guardaram um para o dia seguinte. Cada um comeu o seu bem devagar para que rendesse; só o cachorrinho comeu depressa o dele e veio pedir mais e cada um deu ainda uma migalha para o Samba.

— Pronto! Agora vou apagar a lâmpada — disse Henrique.

Ficaram no escuro. Estavam sentados no chão, as costas de encontro à parede. Nenhum pensou em dormir; como podiam imaginar que o passeio ao Jaraguá ia terminar assim? Prisioneiros na mina de ouro? Passou uma hora. Samba estava vigilante, deitado ao lado deles. Ninguém falava. Mais tarde Vera disse baixinho:

— Estou ficando com sono, creio que vou dormir.

— Você pode dormir — falou Cecília. — Eu não tenho sono, vou ficar a noite toda acordada.

Ouviram Oscar ressonar; a cabeça dele inclinou-se no ombro de Eduardo. Quico também estendeu-se na pedra dura; resmungou um pouco dizendo que a cama era horrível, pôs a cabeça sobre o paletó dobrado e dormiu.

Passou mais uma hora. Henrique, Eduardo e Cecília estavam acordados ainda; Cecília perguntou em voz baixa:

— Que horas serão? Será que está amanhecendo?

— Nem vale a pena olhar o relógio — disse Eduardo. — A madrugada ainda está longe.

— Psiu! — fez Henrique. — Ouvi um barulhinho do outro lado da mina...

Ficaram os três bem quietos, escutando. Cecília falou ao ouvido dos primos:

— Quem sabe é Padrinho que está nos procurando?

— Não creio — sussurrou Henrique. — Escutem.

Ouviram então um barulho esquisito: plaf... plaf... plaf... O barulho parava um pouco, depois recomeçava: plaf... plaf... plaf...

— Vem vindo para cá — disse Eduardo com voz trêmula.

Os três perceberam, apesar da escuridão, que o cachorrinho estava de pé, também escutando. Henrique segurou-o, teve medo que ele deixasse a mina. Falou:

— Quieto, Samba.

Outra hora passou; de quando em quando, ouviam o barulho. Samba rosnou, zangado, mais de uma vez; o pelo de suas costas ficou eriçado. Henrique percebeu que ele estava tremendo. Só tremia assim quando pressentia algum perigo.

Perceberam mais tarde que o barulho ia se distanciando; Samba acalmou-se; deitou-se aos pés de Eduardo e ficou quieto. Cecília não suportou ficar acordada e dormiu, recostada em Vera. Henrique e Eduardo adormeceram também e só acordaram quando os outros começaram a se mexer e Quico gemeu:

— Ai meu Deus! Meu corpo está doendo.

Henrique iluminou o relógio: cinco horas! Avisou os companheiros:

— Cinco horas da manhã! Vamos andar até encontrar a saída desta mina. Não podemos ficar aqui até morrer de fome.



8

UM DIA MAIS



Levantaram-se, espreguiçaram-se, cada um se lamentando mais que o outro. Que noite haviam passado, deitados na pedra dura! Nunca pensaram que acontecesse isso um dia. E os pais? E Padrinho? Estariam procurando, aflitos?

— Como é que sabem que já é dia? — perguntou Vera. — Está tão escuro aqui dentro.

— Veja no seu relógio — disse Cecília.

Vera olhou as horas e ficou desanimada. A escuridão era tão forte de dia como de noite; somente uma leve claridade brilhava nas paredes da mina. E se a lâmpada de Henrique se apagasse? Que fariam?

— Estou com muita coragem de procurar a saída hoje — disse Oscar batendo as duas mãos no peito. — Que manda, chefe?

Por brincadeira chamavam às vezes Henrique de chefe. Henrique havia combinado com Cecília e Eduardo não contar aos outros nada sobre o barulho que tinham ouvido durante a noite. Disse:

— Vamos um atrás do outro deixar esta mina e procurar uma saída, nem que seja para cavar as paredes.

— Vamos — responderam todos, bastante animados.

Henrique seguiu na frente com a lâmpada em punho, os outros foram atrás dele seguidos por Samba. Inclinaram- -se para passar pela abertura da mina e foram sair no mesmo lugar onde tinham estado no dia anterior.

— Não adianta voltar para o lago — disse Cecília. — A gente sabe que lá não há saída e depois... tem aquele bicho que se mexeu dentro da água.

— Pois eu tenho bem vontade de saber que bicho é aquele — falou Eduardo.

Querem procurar a saída da mina, ou preferem saber o segredo do lago? — perguntou Henrique, já do outro lado.

— Queremos sair daqui — responderam todos.

— Então vamos. Coragem!

Andaram durante meia hora; de vez em quando panavam e Henrique iluminava os recantos. Assim foram dar na gruta que minava água pelas paredes; não ficava longe da mina onde eles haviam passado a noite. Como estavam com sede, beberam aquela água com prazer; juntavam as duas mãos bem apertadas e quando elas estavam cheias de água, bebiam depressa. Assim deram água também ao cachorrinho.

Ninguém falava, porém todos pensavam que ali podiam passar fome, mas de sede ninguém sofreria. Samba, depois de beber nas mãos das meninas, ainda lambia as paredes com gosto.

Eduardo que tinha se afastado um pouco dos outros, falou:

— Aqui há um buraco no chão. Quem sabe é a saída do morro?

Mal ele acabou de falar, desapareceu dentro do buraco. Todos gritaram de susto:

— Eduardo! Eduardo!

Samba começou a latir na beira do buraco. Ouviram a voz de Eduardo lá de baixo:

— Aqui é outra gruta, mas parece que não tem saída.

— Você se machucou? — perguntou Henrique debruçando-se no buraco.

— Não. A altura não é grande, mas a escuridão aqui é pior que ai em cima.

— Como vamos tirar Eduardo de lá? — perguntou Vera muito aflita.

Quico não respondeu: tirou a corda que havia trazido à volta da cintura e entregou-a a Henrique dizendo:

— Se eu contasse a vocês que havia trazido esta corda, davam risada de mim. Mas agora ela vai prestar serviço, vão ver.

Apesar de assustados com a queda de Eduardo, riram ao ouvir Quico. Depois Henrique debruçou-se outra vez na beira do buraco e gritou para baixo:

— Eduardo, vou jogar a corda; amarre-a na cintura e segure com força, nós puxamos você para cima.

Henrique atirou a corda; esperaram um pouco, depois, ouviram a voz de Eduardo:

— Podem puxar, já estou seguro.

Oscar, Quico e Henrique puxaram com força; não demorou muito a cabeça de Eduardo apareceu na abertura do buraco. Foi uma alegria.

Rodearam Eduardo, perguntaram se ele não havia se x machucado, se não queria um pouco de água e Cecília correu para trazê-la; mas não havia vasilha alguma, e então levaram Eduardo à gruta onde havia água, deram-lhe de beber, e passaram água no rosto e nas mãos do companheiro.

Depois que tudo havia passado, ficaram ao redor da abertura por onde ele havia caído. Oscar perguntou a Henrique:



— Não seria melhor que um de nós descesse neste buraco e examinasse com a lâmpada para ver se tem alguma saída?

— Mas como vamos fazer? — perguntou Vera.

— Eu desço em primeiro lugar — falou Henrique. — Amarro a corda na cintura e desço; vocês ficam aqui, segurando a outra ponta da corda.

— E se houver algum bicho lá? Não tem medo? — perguntou Cecilia.

Eduardo, já calmo, respondeu:

— Pode descer sem susto que não há bicho algum.

— Qual o bicho que vai viver nesta escuridão no meio das pedras? — disse Henrique amarrando a corda na cintura.

— Sapo... cobra... — respondeu Cecília.

— Creio que não há disso, vamos ver.

Depois de pronto, Henrique pediu a Oscar e Quico que firmassem bem a corda; as meninas ofereceram-se para auxiliar. Com muita calma, Henrique pediu a Eduardo que segurasse a lâmpada e iluminasse o buraco enquanto ele descia.

Assim fizeram. Henrique começou a descer, a corda enrolada na cintura; os outros debruçaram-se na abertura para ver. Samba ficou olhando e abanando o toco de rabo, como se pedisse para que Henrique o levasse.

Quando a corda estava quase no fim, Quico gritou:

— Falta pouco para a corda acabar.

— Já cheguei — respondeu Henrique. — Ilumine bem, Eduardo.

Eduardo iluminou o lugar onde Henrique estava; ele explorou todos os cantos da nova caverna e verificou que era uma continuação da mina de ouro. Havia também muito ouro lá e algumas vasilhas que ele levaria para cima, pois poderiam servir para alguma coisa.

— Traga um pouco de ouro para nós — pediu Oscar

Depois de ter examinado tudo, Henrique pediu que o puxassem para cima outra vez; por aquela caverna não havia saída alguma. Quico, Eduardo e Oscar puxaram-no devagar; ele apareceu com duas vasilhas de ferro presas à cintura. Eram parecidas com tigelas e poderiam servir para carregar água.

— O que havia lá? — perguntaram.

— Nada — respondeu Henrique. — Montes de ouro e estas duas vasilhas.

E tirou dos bolsos alguns pedaços de ouro para mostrar aos primos.



9

A FOME RONDA A MINA DE OURO



— Voltaram todos, um atrás do outro, para a gruta onde minava água; estavam com sede outra vez. Passaram água na testa, nos olhos, no pescoço, tornaram a beber apertando as mãos em concha. Cecília disse:

— Eu acho que estamos com sede por causa do susto que tivemos quando Eduardo caiu.

Vera falou de repente:

— Temos que sair daqui nem que seja para furar as paredes desta gruta.

— Mas de que jeito? — perguntou Oscar. — Eu não tenho ideia alguma.

— Eu já estou ficando com fome — disse Eduardo.

E dizendo isto fez uma surpresa a todos; enfiou as mãos nos bolsos e tirou pedacinhos de pão e um pedaço de salsicha. Acotovelaram-se à volta dele; Samba começou a dar pulos para alcançar as mãos de Eduardo.

— Precisa dar um pedaço a ele — disse Vera.

— Vamos dividir a salsicha em pedaços iguais — falou Henrique.

Ele iluminou o canto onde se sentaram; Vera foi encarregada de cortar e dividir a salsicha cm pedaços iguais. Assim cada um deles conseguiu comer naquele dia um pedacinho de salsicha e migalhas de pão.

Depois quiseram saber se Eduardo tinha mais alguma coisa para eles comerem; Eduardo disse que infelizmente só tinha guardado aquele resto de salsicha e assim mesmo acaso, pois quando entraram no buraco do morro ele estava começando a mastigar, e resolveu pôr no bolso para comer mais tarde.

Todos deram ainda um pedacinho ao Samba que tinha comido a parte dele muito depressa e estava pedindo mais. Depois beberam mais água para enganar a fome.

— Ainda estou com fome — suspirou Cecília.

Henrique levantou:

— Vamos, tratar de encontrar a saída em vez de falar em fome. Não adianta ficarmos aqui sentados...

— Vamos — disse Quico. — Coragem, companheiros.

Levantaram-se e resolveram deixar novamente a mina de ouro; tinham que encontrar a saída, não podiam ficar ali o dia inteiro. Henrique, como sempre, caminhava na frente com a lâmpada em punho; os outros seguiam atrás dele, passo a passo. Inclinaram-se para passar a abertura e foram sair do outro lado da mina. Ainda não tinham andado meia hora quando Cecília que ia atrás de todos, gritou:

— Senti uma coisa aqui perto de mim. Ai que medo! Parece que é um bicho.

Oscar lembrou-se de chamar o cachorro:

— Samba! Samba! Procura, Samba.

Todos pararam e Henrique colocou a lâmpada na direção de Cecília; ela segurava o braço de Vera e dizia:

Um bicho enorme pulou aqui perto. Senti o seu bafo nas minhas pernas.

O cachorrinho procurava pelos cantos, pulava de um lado para outro, muito aflito, latia a todo instante: uau... uau...



— Pega, Samba, pega o bicho — gritava Eduardo.

Oscar falou:

— Se entra bicho aqui na mina é porque há uma saída. Vamos procurar.

— Mas que bicho será? — perguntou Henrique. — Não pensei que aqui houvesse animais.

Samba latia com o focinho metido numa frincha da pedra. Todos desconfiaram que o bicho estava escondido ali. Mas como tirá-lo? Não seria perigoso?

Eduardo pediu:

— O tal bicho entrou aqui, Henrique. Ilumine deste lado.

Henrique iluminou o buraco e o cachorrinho recuou, rosnando. Vera lembrou:

— Cuidado. O bicho pode morder o Samba. Quem sabe é onça?

— Qual, no Morro do Jaraguá não há onça — disse Quico. — Pode ser uma raposa.

— Se for raposa o cachorrinho pega — disse Cecília. — Pega, Samba.

— E se a raposa entra na mina é porque ela tem saída — disse Eduardo, esperançado.

O cachorrinho latia para dentro do buraco; as crianças estavam reunidas esperando que o bicho saísse.

Lembraram depois que podia ser um sapo, por causa do lago. Cecília disse que não parecia sapo; ela estava com medo e não queria mais ficar atrás dos companheiros. O cachorrinho parou de latir e deixou o buraco. Então resolveram andar e continuar procurando alguma saída.

Depois de meia hora de marcha por aqueles labirintos escuros, foram dar novamente no lago. As águas formavam ondas como se alguém tivesse atirado alguma coisa lá dentro. Os meninos ficaram quietos, contemplando o lago.

Henrique sussurrou:

— Psiu. Quem sabe o bicho vai sair e nós vamos descobrir o que é que faz mexer as águas.

Ficaram durante uns quinze minutos olhando fixamente o lago sem falar uma palavra. As águas eram escuras e as ondas foram diminuindo até que serenaram e o lago ficou como se fosse um espelho, de tão parado.

Henrique falou, a voz desanimada:

— Qual! Nós não podemos descobrir o segredo do Jaraguá. Um bicho mexe as águas do lago, outro assopra a perna de Cecília. Será possível que a gente nada descubra, nem com este cachorrinho que é tão esperto?

— Estou muito desconfiada de que o bicho que mora no lago é o mesmo que estava atrás de Cecília — falou Vera.

— Não sei — disse Cecília. — Ele parecia enorme, senti o bafo na minha perna.

— De que tamanho? — perguntou Eduardo.

— Do tamanho de uma onça — respondeu ela.

Ficaram assustados. Que animal seria aquele? Henrique disse que o melhor era voltarem para a mina, pois lá não havia bichos. A abertura era pequena e se algum animal fosse passar para entrar na mina, Samba daria sinal e todos se defenderiam.

Voltaram olhando para trás a todo momento, cansados e queixando-se de fome. O cachorrinho levantava o focinho para o alto e, de quando em quando, latia. Estavam cada vez mais assustados com tanto mistério.

Felizmente já sabiam bem o caminho da mina e voltaram sem novidade; sentaram-se no chão, as costas contra a parede. Henrique apagou a lâmpada para não gastar a pilha. Depois falou: —

Olhe aqui, minha gente, a fome está apertando cada vez mais. Vamos ver o que podemos fazer; não estou aqui para morrer de fome.

— Nem eu! Nem eu! — gritaram todos.



10

OS SONHOS DE QUEM TEM FOME

Descansaram durante alguns minutos, depois Henrique, como chefe, pediu que cada um desse sua opinião sobre o que deviam fazer. Eduardo disse que o melhor seria fazerem um buraco, nem que levasse muitos dias, a fim de sair dali. Vera achava que deviam explorar outros recantos, pois talvez encontrassem o meio de fugir. Cecília declarou que eslava pronta a auxiliar no que fosse preciso, mas não andaria mais atrás dos outros, tinha medo do tal bicho.

Quico e Oscar disseram que pensavam como Vera. Era necessário procurar mais, procurar sempre. Henrique terminou dizendo que o mais acertado seria fazerem um buraco; ele iria escolher um lugar onde fosse mais fácil cavar e então quem sabe um dia fugiriam da mina. Cada um deles trabalharia durante algumas horas por dia e quando o buraco ficasse grande, haviam de achar a saída.

Cavar com o quê? — perguntou Cecilia.

Lembraram-se então das formas de ferro que Henrique trouxe da gruta onde Eduardo tinha caído; eram de ferro e muito boas para cavar, ficaram esperançados.

— E o Samba? Que pensa o Samba? — perguntou Cecilia por brincadeira.

Olharam o cachorrinho à luz da lâmpada que Henrique havia acendido outra vez; ele estava tristonho, deitado aos pés das duas meninas.

— Ele está com fome — disse Vera. — Coitadinho!

Acariciaram a cabeça do cachorrinho.

— Falar em fome — disse Eduardo — eu seria capaz de comer agora um bife e dois ovos, arroz e feijão e um bom pedaço de queijo.

Os outros sentiram a boca cheia de água. Quico estalou a língua:

— E eu? Eu seria capaz de comer feijão, arroz, bife, farofa, ovo, tudo o que me pusessem no prato. Tudo! E seria capaz de repetir.

— Eu queria um pedaço de pão com queijo disse Oscar. — Mas um bom pedaço daquele queijo amarelo, queijo-creme bem gostoso, bem macio... A

gente põe na boca e nhoc!, tira um pedação...

— Eu queria um prato cheio de batatinhas — falou Henrique. — Bem tostadas, bem amarelas... Ai! Um prato cheio... E queijo também. E um bife bem grande, Seria capaz de comer tudo e repetir...

Eu preferia um prato de camarões — disse Vera — Só Isso. Não, também uma boa macarronada. Mais nada.

— Eu queria macarronada — disse Cecília. Mas bem grande, bem gostosa. Poderia comer o prato inteiro e depois manjar-branco inteirinho. Ai! Estou sentindo frio de tanta fome...

Eduardo tirou o paletó:

— Ponha meu paletó nas costas, e não sentirá mais frio.

— Obrigada — disse Cecilia. — Não é preciso.

— Você é capaz de se resfriar — falou Vera, — Aceite o casaco de Eduardo.

Cecilia aceitou e pôs o casaco de Eduardo nas costas. Oscar falou:

— Estou me lembrando de um dia em que eu não quis almoçar, hoje estou arrependido. Por que não almocei?

— E eu que às vezes não aceito o queijo que mamãe quer me pôr no prato — disse Henrique. — Tenho vontade de chorar quando me lembro disso.

— Vamos ver se dormimos um pouco — falou Vera. — A gente lembra essas coisas e começa a sofrer mais...

Resolveram dormir porque estacam cansados e já tinham andado muito naquele dia: quanto mais andavam, mais gastavam a pilha da lâmpada e se a lâmpada se apagasse, ficariam mergulhados na escuridão daquela mina.

Começaram a cochilar, um encostado no ombro do outro: e de tão cansados, dormiram logo. O cachorrinho deitou a cabeça no colo de Vera.

Só Eduardo ficou acordado até tarde; pensando na maneira de saírem daquela mina de ouro. O que adiantava ser de ouro? Com toda aquela fortuna não poderiam comprar a liberdade. O que adiantava? Rezou durante alguns minutos, depois cochilou; sonhou que estava comendo um bife muito grande e gostoso; além do bife havia ovos; havia também sorvete de creme e uma garrafa de guaraná. Quando estava começando a experimentar o sorvete, acordou com gemidos ao seu lado; era Cecília que estava sonhando e dizendo:

— Manjar-branco... Queria mais um pouquinho só daquele manjar... Só um pouquinho... Só um pouquinho...

Samba porém, não dormia; Eduardo ouviu-o rosnar baixinho, de repente levantou-se, passou perto dele e foi para a entrada da mina. Eduardo ficou quieto, à espreita; ouviu a princípio um barulho de água escorrendo, depois ouviu: plaf! plaf! O barulho cessava de repente, depois recomeçava: plaf... plaf...

Samba rosnou na entrada da mina; Eduardo falou baixinho para não acordar os outros que estavam dormindo.

— Venha, Samba. Venha.

O cachorrinho rosnava sem parar; Eduardo resolveu ver o que era; foi se arrastando até chegar ao lado de Samba; não viu nada porque a escuridão era muito forte. Mas logo depois tornou a ouvir: plaf... plaf... bem perto dele. Pareceu ver um vulto que passava na gruta próxima à mina. Ficou arrepiado de susto Que seria? Que bicho seria aquele que vinha rondar a mina? Seria o tal que vivia dentro do lago?

Segurando o Samba para que não latisse e nem rosnasse mais, voltou para junto dos outros e ficou quieto, escutando. Depois dormiu, recostado ao ombro de Henrique.

Quando acordaram, todos contaram o que haviam sonhado. Os sonhos haviam sido quase iguais, pois todos sonharam com aquilo que mais desejavam comer. Eduardo contou que Cecilia sonhou alto e tinha pedido manjar-branco, mas só a Henrique falou do bicho que tinha passado pela gruta.



11

COMEÇAM A TRABALHAR

Naquele dia resolveram trabalhar de verdade; em primeiro lugar procuraram pedras pontudas para escavar porque as vasilhas de ferro que Henrique trouxe da gruta eram pesadas e grossas. Nada encontraram a não ser ouro; havia pedaços de ouro com pontas finas, boas para fazer buraco.

Beberam água na gruta que havia perto da mina; depois caminharam em direção ao canto onde a terra era mais fofa. Henrique inclinou-se, mostrou o lugar e disse:

— Vou escavar durante algum tempo, depois cada um de vocês vem trabalhar um pouco.

E antes que respondessem, Henrique começou a tirar terra com a pedra de ouro.

— E nós ficamos aqui de braços cruzados? — perguntou Quico. — Enquanto isso vou andar por aí e ver se encontro alguma coisa para comer ou alguma saída.

— É melhor não nos separarmos — disse Eduardo, lembrando-se do barulho que tinha ouvido. — Se nos perdermos um do outro, será muito pior.

— Não vou longe — respondeu Quico. — Acho impossível que não se encontre outro meio de sair deste morro.

Enquanto isso, Henrique cavava auxiliado por Samba que, com as duas patinhas da frente, pensava estar ajudando muito e jogava terra para todos os lados.

Quico deixou os companheiros e foi às apalpadelas espiar os recantos da outra gruta. Com os nós dos dedos, bateu nas paredes; encostou o ouvido na pedra para ver se ouvia algum som. Nada. Só ouvia a conversa dos companheiros na gruta vizinha e o barulho que Henrique fazia ao escavar: rap… rap...

Voltou muito desanimado. Encontrou todos no escuro, mal via os vultos dos primos à volta de Henrique. Perguntou:

— Por que não acendem a lâmpada? Assim no escuro ainda é pior.

Henrique não deu resposta e continuou a cavar a parede da gruta. Eduardo pegou a lâmpada e tentou acendê-la; a lâmpada não acendeu: a pilha estava gasta.

Foi um escarcéu. Vera teve vontade de chorar:

— Como é que vamos viver agora no escuro? Isso é horrível, pior ainda do que a fome.

Cecília disfarçou a vontade de chorar; Quico e Oscar ajoelharam-se ao lado de Henrique e tentaram mais de uma vez acender a lâmpada; ela fazia tlic, tlic, e não acendia.

Henrique parou de cavar, enxugou o suor da testa e falou com muita calma:

— Percebi há mais de meia hora que ela não funcionava, mas não quis alarmar vocês. Vamos pensar no que podemos fazer.

— Que palpite você dá? — perguntou Eduardo. — Como vamos cavar no escuro?

— Quanto a isso não tem importância — respondeu Henrique. — Pode-se trabalhar do mesmo jeito. Quer ver?

E Henrique continuou a trabalhar com a pedra de ouro enquanto um montinho de terra ia se ajuntando de um lado Para o Samba a escuridão era até melhor; dizem que os cachorros enxergam mais no escuro. Ele continuava a cavar auxiliando Henrique, entusiasmado com o novo serviço.

Logo mais. Henrique levantou-se e disse:

— Agora e sua vez, Eduardo.

Eduardo ajoelhou-se e começou a trabalhar em silêncio.

12

VAMOS REZAR

Foi então que Vera disse:

— Vamos rezar e pedir que nos ajudem a sair desta mina.

Ajoelhou-se acompanhada por Cecília; os meninos também ajoelharam-se e rezaram todos juntos. Cada um fez uma oração pedindo para que saíssem logo da mina de ouro; se não encontrassem logo a saída, morreriam de fome.

Depois da oração, continuaram a trabalhar, cada um por sua vez. Ao fim de algumas horas de trabalho, notaram que a abertura estava aumentando, já estava do tamanho de uma cabeça. Mais tarde, Henrique disse:

— Já estou me acostumando com a escuridão, quase posso enxergar as horas. Creio que são seis horas da tarde. Chega por hoje, vamos descansar.

Estavam todos muito tristes e quase não falavam. Voltaram para a mina de ouro onde a escuridão era mais cerrada. Beberam água e sentaram-se para descansar. Foi então que Vera abriu a bolsa que trazia a tiracolo e falou:

— Guardei umas bolachas aqui na minha bolsa quando estávamos arrumando a cesta. Só me lembrei delas quando começamos a falar de tanta coisa gostosa. Quase as dei, mas depois resolvi guarda-las para mais tarde. Aqui estão...

Havia uma porção de bolachas na bolsa de Vera. Henrique contou, dou duas para cada um, depois disse a Vera:

— Guarde as outras; a gente não sabe o que vai acontecer.

Todos aceitaram a ideia de Henrique; ele era o mais velho e fora nomeado chefe da expedição. Deveriam obedecê-lo sempre.

As bolachas foram guardadas cuidadosamente dentro da bolsa e está colocada num recanto da mina.

Durante uns instantes ficaram quietos, descansando. Sentiam o estômago vazio, aquelas duas bolachas pouco haviam adiantado. O cachorrinho, depois de comer as dele, procurava catar migalhas pelo chão. De repente, Quico lembrou:

— Escutem uma coisa: por que não tentamos fazer fogo esfregando duas pedras uma contra outra, à moda dos índios?

— Já me lembrei disso, mas estou tão cansado... Resolvi deixar para amanhã.

— Vou experimentar já — falou Oscar.

— Eu também — disse Quico.

Cada um deles pegou em duas pedras e começou a esfregar com força. No silêncio da mina, só se ouvia esse barulho. Cecília começou a espirrar.

— Cecília resfriou-se — disse Vera.

Eduardo tirou o casaco e colocou-o nos ombros de Cecília. Ela protestou dizendo que não precisava, depois ficou quieta e deixou de espirrar. Os dois meninos tentavam fazer fogo. Henrique disse:

— Mesmo que vocês consigam fogo, que vai adiantar? Não temos lenha para acender. Nem um pau de lenha...

Ninguém havia se lembrado disso. Eduardo sugeriu que poderiam queimar as camisas, as meias...E depois?

O fogo queimaria tudo e eles ficariam novamente na escuridão. Resolveram deixar para o dia seguinte a tentativa de fazer fogo. Talvez encontrassem alguma lenha na beira do lago. Nesse instante Samba rosnou olhando para a entrada da mina.

— Ele ouviu qualquer coisa — disse Vera. Que será?

Seguraram o cachorrinho e ficaram escutando; ouviram então o barulho que Eduardo e Henrique já haviam ouvido: plaf...plaf...

— É o mesmo barulho que ouvi ontem — sussurrou Eduardo.

— Eu também já ouvi isso — disse Henrique. — Quem sabe é Padrinho que está cavando o morro para nos encontrar?

— Então vamos gritar — falou Cecília. — Assim ele fica sabendo que estamos aqui.

Antes que dessem um grito, Cecília tornou a espirrar; não se ouviu mais barulho.

— É Padrinho — disse Quico. — Parou tudo.

Resolveram então gritar; cada um gritava mais alto que outro:

— “Padrinho! Estamos aqui dentro do Morro do Jaraguá. Padrinho!"

Samba ouvindo a gritaria, resolveu latir; latiu que não foi brincadeira acompanhando os gritos. Pararam para escutar alguma resposta. Nada. Silêncio por toda a parte. De repente tornaram a ouvir: plaf...plaf...

Era o tal barulho que se aproximava.

— É o bicho do lago — disse Oscar. — Não pode ser outro; estamos aqui há dois dias e não vimos nada a não ser as águas do lago se mexerem. Deve

ser um sapo.

— Vamos rezar — disse Vera.

Todos rezaram juntos mais uma vez.

13

NO DIA SEGUINTE

Mais uma noite passou sem novidade. O barulho que parecia aproximar-se, afastou-se outra vez. Dormiram porque estavam muito cansados. Quando acordaram no dia seguinte, viram Oscar esfregando duas pedrinhas com força uma na outra.

Quico que havia tirado a corda da cintura, estava com ela na mão esperando aparecer uma faísca para acender a corda. Antes de dormir, havia tido essa lembrança: acenderia uma ponta da corda e enquanto ela ardesse, teriam claridade.

As pedrinhas já estavam brilhando nas mãos de Oscar. Henrique e os outros aprovaram a ideia.

Cecília amanheceu tão resfriada que espirrava e tossia a todo o momento. Oscar, Henrique e Quico tiraram os casacos e forraram o chão para que ela se deitasse. O casaco de Eduardo, que ela já trazia sobre os ombros, serviria de cobertor.

— Creio que ela tem febre — disse Vera apalpando-a.

Ficaram muito aborrecidos. De que maneira tratariam de Cecília? Seria bom se pudessem fazer um chá bem quente para ela tomar. Oscar continuou a esfregar as duas pedrinhas...

Henrique teve uma ideia:

— Quem sabe a gente encontra um pedaço de ouro forma de concha. A gente põe água dentro e faz ferver no fogo que Oscar está preparando. Ela pode tomar água quente com bolacha...

— Não — disse Cecília. — As bolachas são para todos, não só para mim. Amanhã já estarei boa. Podem ir cavar o buraco; fico aqui muito bem. Samba toma conta de mim.

Oscar estava suando, a testa molhada de tanto esfregar as duas pedrinhas; o fogo não queria aparecer. Quico ofereceu-se para esfregá-las também; assim trabalhou durante mais uma hora e nada de fogo. Já estavam ficando desanimados.

Ficou então resolvido que Vera ficaria fazendo companhia a Cecília; para não ficar desocupada, procuraria na gruta pedras em forma de concha. Samba ficaria com elas para defendê-las em caso de perigo.

Os outros iam escavar, menos Oscar que continuaria a trabalhar nas duas pedrinhas. Assim fizeram. Henrique, Quico e Eduardo foram cavar o buraco para saírem da mina; Oscar esfregava: rac... rac... rac...

Eduardo e Henrique estavam sentindo fraqueza, e tinham tonturas por causa da fome. Trabalhavam devagar, muito desanimados.

Apesar disso, o buraco estava maior e já dava para dois trabalharem juntos; Oscar sentia-se mais cansado e nada de aparecerem faíscas. De quando em quando, Quico dizia:

— Agora sou eu outra vez. Deixa experimentar.

Esfregava as pedrinhas com coragem. Já estavam habituados com a escuridão e distinguiam bem as coisas que os rodeavam. Não estranhavam, como nos primeiros dias, aquela gruta sem um pingo de luz.

Só paravam de trabalhar para tomar água. Iam à gruta vizinha, bebiam água e voltavam. Henrique tinha feito a distribuição das bolachas, mas todos ainda estavam com fome e já era meio-dia. Toda manhã se havia passado e pouco adiantaram a escavação. De repente Oscar deu um grito:

— Fogo! Já vi faíscas! O fogo vai aparecer já, já!

Ficaram à volta de Oscar, esperando o fogo; Quico com a corda na mão. Vera apareceu curiosa, na entrada da gruta:

— Onde está o fogo? Apareceu?

— Já vem — disse Oscar. — Esperem um pouco e vocês vão ver...

Perguntaram por Cecília; Vera disse que ela estava dormindo. Samba deitado ao lado, vigiava.

Apareceu uma faísca entre as duas pedrinhas, mais outra e outra; a ponta da corda estava ali encostada, pronta para queimar. Viram então uma faísca mais forte brilhar e passar para a ponta da corda que Quico segurava, tremendo de medo que não pegasse fogo. Pronto! Ali estava o fogo!



14

A PRIMEIRA REFEIÇÃO

Para poupar, desfiaram a corda; assim levaria mais tempo para se consumir. Oscar estava radiante...fez o fogo sair das pedrinhas. O entusiasmo de todos foi tão grande que Cecília foi ver o que havia; disse que já estava melhor e queria auxiliar os outros.

Reuniram-se à volta de Henrique. Que fazer agora? Agora que tinham fogo? Henrique pensou um pouco e disse:

— Só há um lugar onde podemos encontrar folhas secas e paus para não deixar o fogo morrer. Um lugar onde não exploramos bem e onde podemos encontrar muita coisa que pode nos auxiliar. Podemos ir agora...

— Eu sei — disse Quico. — É no lago!

Nenhum deles havia voltado ao lago; haviam tido medo. Sabiam que naquelas águas escuras, alguma coisa estava escondida, talvez algum bicho e isso os assustava. Vera resolveu falar francamente com os companheiros:

— Nós somos muitos e não devemos ter medo. O que poderá fazer mexer a água do lago? Algum peixe enorme? Sapos? Não pode ser gente, ninguém vive dentro da água. Só alguma bruxa ou fantasma. Vocês acreditam nessas bobagens?

— Não! Não! — gritaram todos.

— Então vamos — disse Eduardo. — Somos corajosos e valentes. Vamos explorar o lago...

— Agora temos fogo para nos defender — disse Oscar levantando a corda que o fogo ia consumindo.

Todos riram e, reanimados com as palavras de Vera, seguiram em direção ao lago. Oscar e Quico levavam a corda que o fogo ia destruindo lentamente. Felizmente a corda era comprida. Oscar tinha guardado as pedrinhas no bolso; chamava-as de pedrinhas mágicas. Se o fogo apagasse, ele saberia fazer outro.

A primeira coisa que organizaram foi uma espécie de acampamento na beira do lago; as meninas juntaram folhas secas que havia nas margens. Com galhos de samambaia e outras plantinhas, fizeram uma pequena fogueira.

Henrique lembrou de pescar no lago; ali devia haver peixes e serviriam de alimento enquanto não pudessem fugir da mina. Ele contou que pescava sempre na fazenda de Padrinho e pediu que procurassem minhocas.

Saíram todos à procura de minhocas; desceram mais de uma vez a barranca e lavaram as mãos na própria água do lago. Tudo estava parado e não havia lugar mais silencioso e agradável do que aquele. Havia plantas em toda a volta e muitas delas serviriam para alimentar o fogo.

Enquanto procuravam minhocas, colheram plantas e galhos para o fogo. Encontraram um lugar onde o lago fazia uma espécie de cotovelo e parecia bom para um banho. Com a ponta de um galho verificaram a profundidade desse lugar; era raso e um mergulho ali seria delicioso.

Eduardo foi o primeiro a encontrar minhocas; cavou durante algum tempo a terra da barranca e encontrou algumas que tratou de levar depressa para Henrique.

Enquanto isso, Henrique havia desfiado a corda; depois pegou um pedacinho de ouro com ponta fina para servir de anzol, prendeu muito bem essa pontinha na corda; colocou um pedaço de minhoca no anzol de ouro e jogou a corda no lago. Não sabia que espécie de peixe encontraria ali; talvez não pescasse nada. Estava acostumado a pescar com varas; não com corda desfiada. Mas a fome era grande e eles tinham que fazer qualquer coisa para comer; não podiam continuar a beber água e a comer duas bolachas por dia.

E além disso, as bolachas estavam no fim.

Todos ficaram quietos, esperando. Não se sabe se por causa do silêncio profundo ou porque ainda ninguém havia pescado naquele lago e como havia peixes em quantidade, não demorou muito tempo e a corda começou a se mover. Era um peixe que estava preso no anzol e estava puxando a corda.

Henrique, com o coração batendo forte, puxou a corda depressa; receava que não fosse verdade. Mas era: na ponta da corda havia um peixe de um palmo de comprimento.

Houve gritos de alegria. Não passariam fome, comeriam peixe assado. Henrique pediu que ficassem quietos; com aquela gritaria, nenhum peixe mais cairia no anzol.

Ficaram de novo em silêncio e Henrique continuou a pescar; os outros foram se afastando sem falar a fim -de procurar meios para preparar o peixinho. Cecília lembrou- -se das vasilhas de ferro que Henrique havia encontrado na gruta de baixo; não serviam para escavar a terra porque eram pesadas, mas poderiam servir para assar os peixes.

Foram então buscar as vasilhas que estavam guardadas na gruta; lavaram-nas muito bem e as trouxeram para a beira do lago.

Henrique chegou a pescar cinco peixes naquele dia; Oscar tomava conta do fogo. Com o canivete de Eduardo Vera e Cecília limparam os peixes, lavaram-nos muito bem e os puseram na vasilha para cozinhar. Não havia sal, nem óleo; mas de qualquer maneira, não passariam fome.

Ficaram ali esperando até que cozinhassem bem; com um pauzinho iam virando os peixes na vasilha; depois comeram. Deram um pedaço para Samba que saboreou com prazer. Quico chegou a dizer que estava delicioso. Esqueceram-se do segredo do lago, ninguém mais falou nisso.

Foram depois trabalhar na escavação; estavam mais coragem e mais ânimo. Não tinham fome, isso era o principal.

Quando Henrique olhou as horas e disse que deviam se recolher à mina de ouro para dormir, largaram o trabalho com pesar. Quico disse que o melhor seria trabalharem também durante a noite. Mas era preciso descansar; ninguém pode trabalhar noite e dia sem parar; e por isso foram para a mina tratar de dormir e descansar.



15

MAIS DESCOBERTAS

Dormiram bem e nada ouviram durante a noite. Mergulharam num sono profundo e reparador. Cecília amanheceu melhor do resfriado e disse que também queria trabalhar.

Como tinham levado o fogo para a mina, ele não se extinguiu; amanheceu ardendo. Ficaram admirados e Quico perguntou:

— Como é que o fogo não apagou?

Então Oscar riu-se e contou o que havia feito; de madrugada, vendo que o fogo estava morrendo, ele tirou a camisa e colocou-a na fogueirinha. Por isso ainda havia fogo. Deram muita risada.

Eduardo e Quico ofereceram-se para ir buscar galhos e folhas secas na beira do lago. Foram acompanhados por Samba; o cachorrinho estava sempre vigilante, era um bom companheiro.

O lago estava quieto como na véspera; ali perto da entrada que ia dar na mina, viam-se restos da fogueira onde haviam assado os peixes.

Estava fazendo calor e os dois meninos lembraram-se de tomar banho naquele lugar onde o lago era bem raso.

Foram para lá, tomaram banho na água fresca, depois procuraram lenha para o fogo.

Cataram galhos de arbustos, pauzinhos de todos os tamanhos, folhas de todas as plantas que encontraram. Fizeram feixes de lenha e já iam voltando para a mina quando Eduardo viu uma árvore pequena um pouco longe da margem; uma árvore parecida com laranjeira, mas não podia ser laranjeira. Que seria?

Ele chamou Quico e foram ver que árvore era aquela; era de fato uma laranjeira coberta de frutos verdes. Seria possível? Colheram algumas folhas para levar aos companheiros; examinaram as laranjas. Algumas estavam amarelando nas pontas. Que maravilha! Laranjas dentro do Jaraguá!

Os dois pegaram seus feixes de lenha e voltaram quase correndo para a mina, onde Vera havia colocado água para ferver. Ela havia lavado muito bem a outra vasilha de ferro encheu-a de água e a deixou ferver.

— Para que essa água? — perguntou Cecília.

— Não se tem café, nem chá. Vamos tomar água quente, faz bem para o estômago.

Cecília fez uma careta dizendo que não queria tomar.

Nesse instante Eduardo entrou na mina com um monte de folhas de laranjeira nas mãos e contando o que haviam descoberto. Dias depois iriam chupar laranjas. Ele e Quico estavam entusiasmados.

Mostravam as folhas verdes e diziam:

—Cheire. Cheire. São folhas de laranjeira.

— Será possível? — perguntou Oscar.

Então explicaram que haviam dado volta ao lago, haviam tomado banho no lugar onde o lago fazia um cotovelo, e depois haviam encontrado uma laranjeira pequenina, um pouco mirrada; então resolveram colher algumas folhas. Imaginaram que, tempos atrás alguém jogou ali algumas sementes de laranja; as sementes brotaram e ali estava a laranjeira cheia de laranjas.

— Mas quem havia de jogar sementes de laranja chão? — perguntou Cecília. — Então alguém já andou por aqui antes de nós?

— Algum mineiro — disse Henrique. — Já houve exploração aqui nestas minas há muitos anos atrás, talvez no século passado. Depois abandonaram as escavações certamente porque não encontraram ouro. Os outros arregalaram os olhos, admirados. Não haviam encontrado ouro? Como assim? Ali não havia mais nada a não ser ouro, pois se até pescavam com anzol de ouro? Depois deram risada. Eles haviam de sair dali e contar a todo o mundo a quantidade enorme de ouro que havia lá dentro... Minas e minas de ouro...

Tive uma ideia — disse Vera — Teremos chá de folhas de laranjeira...

— Sem açúcar? — perguntou Oscar.

Antes chá sem açúcar do que não ter chá – respondeu Vera.

Tomaram chá e comeram duas bolachas cada um; ao menos não iriam trabalhar com o estômago vazio Henrique foi nomeado pescador da turma; ninguém pescava tão bem quanto ele.

Os outros iriam cavar a terra para aumentar o buraco por onde se salvariam. Cada dia que passava, enxergavam melhor apesar da escuridão.

16

ONDE ESTÁ HENRIQUE

Henrique foi para a beira do lago com a corda, o anzol de ouro e as minhocas. Os outros foram cavar; cada um cavava uma hora; de vez em quando dois trabalhavam lado a lado. Samba ia de um grupo a outro, entusiasmado com a alegria que reinava entre todos.

Um deles ficava sempre tomando conta do fogo; quando o fogo estava querendo se apagar, aquele que estava encarregado de vigiá-lo corria e jogava pauzinhos ou folhas secas. Assoprava e fazia a labareda reanimar-se outra vez.

O cachorrinho às vezes desaparecia para o lado onde havia o lago, e logo depois voltava sacudindo a cauda, muito contente. Numa destas vezes, Samba voltou latindo muito. Eduardo perguntou:

— Que será que o Samba tem? Parece que está chamando nossa atenção para qualquer coisa.

Os outros olharam o cachorrinho; ele corria, latia, ia para o caminho do lago, voltava outra vez. Parecia aflito.

— Que será? — perguntou Vera. — Será que aconteceu alguma coisa a Henrique?

— Isso não — disse Oscar. — Se houvesse acontecido alguma coisa, Henrique chamaria.

— Acho que devemos ir ver o que há — falou Quico.

— Eu vou disse Eduardo. — Fiquem aqui enquanto vou ver quantos peixes Henrique pescou. Estou com fome.

Eduardo foi. Chegou à beira do lago, olhou e ficou assustado. Henrique não estava em parte alguma. O cachorrinho olhava para Eduardo e corria de um lado para outro. Eduardo voltou correndo e chamou os outros:

— Venham depressa! Henrique desapareceu!

Foi um susto horrível. Deixaram a escavação e correram para a beira do lago. Não havia nem sinal de Henrique; apenas as águas quietas do lago e as plantas à volta. Quico pôs as mãos na cabeça, muito nervoso:

— Nunca devíamos ter deixado Henrique sozinho aqui. Será que ele caiu no lago?

— Não é possível — disse Oscar. — Vamos gritar, quem sabe ele foi para mais longe?

Começaram a chamar com toda a força:

— Henrique! Hen-ri-que! Onde você está?

Ninguém respondeu. Vera lembrou-se de fazer a volta toda do lago; quem sabe ele estaria do outro lado? Já estavam ficando com medo; como é que um menino do tamanho de Henrique podia sumir assim? Se ele caísse no lago, nadaria; todos sabiam que Henrique nadava muito bem.

Onde estaria? Como era misterioso aquele lago que fazia sumir meninos grandes como Henrique! Chamaram várias vezes sem resultado. Resolveram então dar a volta toda do lago, mas estavam tão assustados que não queriam separar-se nem por um minuto; assim um deu a mão ao outro e foram andando devagar, com muito cuidado.

Nunca o lago esteve tão escuro como naquele dia; nem tão silencioso. Parecia tudo tão parado, tão sem vida… Andavam e chamavam sem cessar:

— Hen-ri-que! Onde você está?



17

ONDE ESTÁ SAMBA?



Lembraram de mandar o cachorrinho procurar Henrique. Vera disse:

— Naquela hora em que Samba estava latindo, ele queria nos avisar que Henrique tinha desaparecido.

— E nós somos tão espertos que não percebemos — disse Cecília fazendo graça.

Chamaram:

— Samba! Samba!

Olharam para os lados, para a frente, para trás, nada. O cachorrinho não estava com eles.

— Mas ele estava aqui agora mesmo — disse Oscar. — Quando corremos para procurar Henrique, Samba veio junto.

Resolveram voltar para procurar Samba na mina; quem sabe ele havia voltado e estava dentro da mina? Ou perto da escavação? Ou bebendo água na gruta?

Voltaram todos muito depressa, procuraram dentro da mina, na gruta, nada. O cachorrinho não estava em parte alguma.

— O melhor é dar a volta ao lago — falou Vera nervosa. — Enquanto não fizermos isso, não descobriremos coisa alguma. Vamos todos juntos.

Deram-se as mãos novamente e foram andando pela margem, um tanto receosos com todo aquele mistério. Como é que Henrique havia desaparecido? E o cachorrinho também? Para onde teriam ido?

Às vezes paravam para chamar Henrique e gritar o nome de Samba. Nada. Foram ficando nervosos.

Pararam um pouco para olhar. Havia dois caminhos: um que contornava o lago, outro que ia para dentro do morro.

— Estou com medo — disse Cecília. — Como é que some gente e cachorro e ninguém vê? Henrique devia gritar...

Todos estavam com medo. Disfarçavam, mas estavam assustados. Vera procurava animar os companheiros.

Quico falou fazendo-se de forte:

— Nós somos corajosos; não devemos ter medo. Hoje já é o quarto dia que estamos dentro da mina e nada aconteceu de ruim. E não há de acontecer coisa alguma. Coragem, pessoal.

Quando estavam do outro lado do lago, Quico falou procurando dar coragem:

— Olhem a laranjeira que descobri hoje. Quem sabe Henrique veio por aqui e se perdeu?

Teria Henrique seguido aquele caminho para ver se descobria a saída?

Ficaram parados, olhando. De repente ouviram um barulhinho. Que seria? Voltaram-se receosos e olharam para os lados. Vera perguntou:

— Vocês ouviram?

Os outros confirmaram sem falar; estavam com medo da própria voz. Eduardo quis explicar o barulho:

— Foi o vento...

Aqui não há vento — disse Cecília. — Ouvi um ruído como se alguém viesse andando atrás de nós.

Quico que vinha por último olhava para trás e para os lados; não via nada de extraordinário. Oscar perguntou em voz baixa:

— Quem havia de ser? Creio que estamos muito assustados, por isso estamos ouvindo barulho Vamos continuar a procurar Henrique. Não há barulho algum

— Então vamos — disse Vera que estava na frente e procurava dar coragem aos outros.

Deram mais alguns passos bem devagar, de ouvido alerta. Todos ouviram novamente o barulho, era como se alguém estivesse raspando o solo.

— Foi aqui nos meus pés — sussurrou Eduardo — Alguém está raspando a terra.

Pararam e olharam o chão. Não havia nada, tudo estava silencioso outra vez.

— Eu ouvi como se alguém estivesse dando marteladas debaixo da terra.

— Decerto há algum caminho debaixo do lago e nós ainda não vimos — talou Cecília num cochicho — Quem será? Deve haver alguém andando lá embaixo.

— Deve ser Henrique. Quem sabe ele descobriu um caminho novo? — perguntou Oscar.

— Vamos gritar outra vez? Se for Henrique, ele responderá — disse Vera.

Mas ninguém estava com coragem de gritar. Continuaram parados no mesmo lugar, sem coragem de falar, de andar, muito menos de gritar.

Cecília disse que não podia dar mais nem um passo, estava com as pernas bambas. Ficaram ali olhando para todos os lados e esperando que alguma coisa acontecesse.



18

UM NOVO LAGO

Naquele instante, viram Samba que vinha correndo pela margem ao encontro deles. Olharam, admirados:

— Samba! Onde você esteve?

Havia água no pelo dele. — Você caiu dentro do lago? — perguntaram como se ele pudesse responder.

— Onde está Henrique? Samba, procura Henrique!

À vista do cachorro, ficaram com mais coragem e resolveram continuar a busca. O cachorrinho parecia compreender; olhava para trás como se dissesse: "Venham comigo".

Voltaram pelo caminho que Samba tinha vindo; ao chegarem perto do lugar onde Henrique havia se sentado na véspera para pescar, o cachorrinho tornou a desaparecer. Ficaram admirados.

— Ele entrou nalgum buraco. Não é possível desaparecer à nossa vista — disse Quico olhando para todos os lados. — Samba! Samba!

Descobriram uma reentrância no barranco da beira do lago; Quico e Eduardo curvaram-se para olhar e no mesmo instante deram gritos de alegria: viram Henrique que vinha vindo muito calmamente com quatro peixes enormes amarrados no lenço. O cachorro muito contente, vinha ao lado dele. Auxiliaram Henrique a subir para a margem e começaram a fazer perguntas, todos ao mesmo tempo.

— Onde você esteve? Por que não respondeu quando chamamos? Por que sua roupa está molhada? Por que nos assustou sumindo desse jeito?

— Estive pescando — respondeu ele. — Olhem que peixes bonitos; são maiores do que os outros.

— Por que não respondeu quando chamamos? — tornou a perguntar Vera. — Quase morremos de aflição.

Então Henrique contou que havia descoberto aquela reentrância e descido da margem para ver o que era aquilo. Percebeu que era um caminho novo e resolveu explorar para ver se encontrava saída por aquele lado. Descobriu

então um outro lago justamente debaixo do lugar onde eles estavam e pescou aqueles bonitos peixes, pois no lago menor havia mais peixes.

Não ouviu som algum durante o tempo que havia permanecido lá embaixo procurando; com certeza porque estava muito longe, no meio do morro. Samba logo descobriu onde ele estava; nem percebeu que os outros estavam aflitos. Contou que minava água pelas pedras, por isso que suas roupas estavam um pouco molhadas e Samba também.

Oscar contou que haviam ficado com medo porque ouviram um barulho esquisito como se alguém estivesse raspando a terra justamente onde eles pisavam. Henrique deu risada e disse que, com o canivete, andou raspando a terra em muitos lugares para ver se descobria alguma novidade. Portanto foi ele quem fez o barulho que tanto assustou os companheiros.

Ficaram contentes ao ver Henrique são e salvo; nada aconteceu de ruim; Quico bem disse que nada havia de acontecer. Antes de prepararem os peixes, pediram a Henrique que mostrasse o caminho do novo lago.

Desceram todos atrás de Henrique; Samba, como se fosse velho conhecedor do caminho, ia na frente. O lago debaixo era bem menor, rodeado de avencas e samambaias muito verdes e crespas; era um lugar muito bonito e, apesar de ser debaixo do morro, não dava medo. Podiam tomar banho naquele lago, se quisessem. Não era fundo, nem escuro.

Batizaram esse lago com o nome de Henrique porque foi descoberto por ele. Tudo recebeu nome: A mina onde dormiam era toda de ouro, por isso a chamaram: A Mina de Ouro.

À gruta que minava água chamaram: A Gruta da Água. À gruta onde escavavam, A Gruta da Escavação. À gruta onde Eduardo caiu, A Gruta de Eduardo. E o lago de cima teve o nome de: O Lago do Barulho porque logo no primeiro dia tinham visto suas águas mexerem barulhentamente.

Voltaram para a beira do Lago do Barulho; limparam os peixes, cozinharam e comeram com prazer. Depois tomaram chá de folhas de laranjeira e voltaram ao trabalho com grande animação. Ninguém mais se queixou de fome, nem falou em medo



19

O BARULHO MISTERIOSO

Trabalharam até tarde naquele dia. Tomaram banho de dois em dois no Lago Henrique; enquanto dois tomavam banho, dois ficavam na reentrância, tomando conta do caminho. Como estavam suados da escavação, o banho fresco foi um alívio. Comeram os restos de peixe que haviam sobrado do almoço e voltaram para a mina quando já era noite. Vera tornou a fazer chá, que todos tomaram antes de dormir. Haviam descoberto mais duas ou três vasilhas que, muito bem lavadas, serviam de xícaras.

O fogo continuava a arder fracamente; quando iam para a beira do lago, levavam os pauzinhos e lá faziam a fogueira; quando voltavam para a mina, traziam tudo com eles. Dia e noite o fogo precisava queimar qualquer coisa: sentiam que enquanto houvesse fogo, haveria esperança de salvação.

Deitaram-se um ao lado do outro para dormir; até já estavam acostumados com a dureza das pedras, e agora não se queixavam tanto.

Quico e Eduardo começaram a espirrar sem parar; Vera disse:

— Vai ver que vocês se resfriaram também. É por causa do frio desta mina.

Depois tudo ficou quieto como se não estivesse ninguém ali dentro. Cecília já estava começando a ressonar quando viram Samba rosnar e se aproximar da abertura. Ouviram então o barulho já ouvido outras vezes: plaf... plaf... Parecia cada vez mais próximo.

Eles se encolheram uns bem juntos dos outros e esperaram; Oscar segurou o cachorrinho para que não fugisse de perto deles.

— Que será? — perguntou Vera. — Será o tal bicho que mora dentro do lago?

— Se ele mora dentro da água, não poderia andar aqui fora — respondeu Henrique. — Vamos esperar.

Plaf... Plaf... Estava bem na abertura por onde eles entravam e saíam da mina. Oscar percebeu que o cachorrinho tinha o pelo eriçado e rosnava, louco por avançar. Todos estavam curiosos por saber que barulho misterioso era aquele que chegava até à abertura da mina.

Cecília cochichou ao ouvido de Vera:

— Que devemos fazer? Vamos espantar o bicho?

Vera cochichou no ouvido de Quico:

— Não é melhor a gente gritar? Os gritos podem espantar o bicho.

Quico cochichou para Eduardo, Eduardo cochichou para Oscar, Oscar para Henrique. Resolveram gritar com força; não tinham defesa de espécie alguma, não tinham um pau grande para bater, o melhor era gritar. Começaram a dar gritos. O cachorrinho ouvindo aquilo, latiu com gosto: uau... uau... uau...

Cecília dizia aos gritos:

— Sai, bicho. Vá embora daqui.

Cada qual gritava mais forte que o outro. Depois de alguns minutos ficaram quietos, escutando. Teria o bicho ido embora com medo dos gritos? Não seria melhor soltar o Samba? Ouviram outra vez: plaf... plaf... cada vez mais longe. Era o bicho que se ia embora muito calmamente.

— Será que esse camarada não tem medo da gente? — perguntou Henrique.

— Vamos ver o que é? — perguntou Eduardo.

Mal acabou de falar, ele e Quico aproximaram-se da abertura e olharam; nada viram. Samba escapou e afastou-se latindo em direção ao lago; o bicho ia para o lago. Ficaram com medo que o cachorrinho se perdesse e chamaram-no com energia.

Ele voltou correndo. Deitaram-se outra vez para dormir. Reanimaram o fogo para que não se apagasse. Lembraram-se de que seria melhor um deles ficar acordado até meia-noite para vigiar; depois ficaria outro. Conversaram ainda um pouco e resolveram dormir sossegados, pois o melhor vigilante era o Samba, que estava sempre de sentinela e os acordaria se houvesse algum perigo.

Dormiram então e não ouviram mais ruído algum.

20

OSCAR DESAPARECEU

Acordaram. Cada um tomou chá com as duas últimas bolachas Depois resolveram dividir o serviço; dois iriam pescar, dois procurar lenha para o fogo, dois cavar o buraco para fugirem dali.

Vera e Cecília foram encarregadas de tratar do fogo, Henrique e Quico foram pescar, Oscar e Eduardo foram trabalhar na escavação.

Combinaram que se vissem qualquer coisa extraordinária, gritariam para avisar os outros. Despediram-se e foram trabalhar, de dois em dois.

Num instante, Cecília e Vera arranjaram lenha; tinha que haver lenha também para a noite. Quebraram galhos de arbustos, ajuntaram montes de folhas e galhinhos secos, colheram samambaia que deixaram secar para o dia seguinte.

Depois da tarefa terminada, ofereceram-se para auxiliar na escavação. Oscar havia tido uma ideia:

— Por que cavavam naquele lugar? Não haveria outros lugares mais fáceis de cavar?

Ali estava muito difícil, pois já haviam dado na pedra. Resolveram chamar Henrique; ele veio muito desanimado. Não havia pescado nada até aquela hora; os peixes do Lago Henrique haviam desaparecido.

Mostraram-lhe a escavação; disseram que haviam encontrado pedra. Que fazer?

Henrique bateu em vários lugares; o som era cheio. Cavaram mais um pouco para ver que pedra era aquela. Era ouro. Ouro puro!

Mas de que lhes servia o achado? Nem todo aquele ouro, que representava uma fortuna, poderia tirá-los dali.

Quico, que veio com Henrique, resolveu voltar para a beira do lago; lembrou que não haveria nada para comer, se não pescasse. Oscar ofereceu-se para acompanhá-lo.

Henrique continuou a bater nas paredes; se houvesse ouro à volta toda da mina, como conseguiriam escapar? Os outros o auxiliavam. Cecília, que estava na parede oposta, disse alto:

— Aqui o som é diferente. Parece oco.

Correram todos para aquele lado. O som, naquela parede, era cavo, diferente dos outros sons. Henrique disse que o melhor seria abandonar a primeira escavação e cavar naquele lugar.

Estavam todos ali tão ocupados que não perceberam a ausência de Oscar e de repente ouviram gritos lá para a beira do lago. Abandonaram tudo e correram para o lago; lá estavam a corda, o anzol, as minhocas, mas de Oscar nem sombra. Oscar havia desaparecido. Gritaram com toda a força:

— Oscar! Oscar!

As duas meninas gritaram mais alto:

— Onde você está? Oscar, onde você está?

Só se ouvia o eco repetir: "Está...está...".

Sentiram medo. Teria alguém levado Oscar e por isso ele gritou? E gritou tão alto como se estivesse com medo! Eduardo falou:

— Henrique vamos dar a volta toda; um grupo vai por este lado, outro vai por aquele. É melhor assim para não perder tempo. Vamos nos encontrar perto da laranjeira.

Henrique aprovou a ideia dizendo: — Quico e Vera vão por aqui; Eduardo, Cecília e eu vamos por lá. Então depressa, vamos procurar Oscar.

Os grupos se separaram e cada um começou a procurar e a gritar; procuravam entre as grandes moitas de samambaia, espreitavam nas partes mais escuras das paredes que havia à volta do lago; olhavam atentamente as águas com medo que Oscar tivesse escorregado e caído dentro da água.

Achavam isso impossível porque Oscar também sabia nadar muito bem.

E depois as águas estavam tão paradas...Se ele tivesse caído, o lago ainda estaria revolto.

Davam a volta batendo de vez em quando nas paredes de pedra que rodeavam o lago; quem sabe alguma daquelas paredes continha algum segredo e havia escondido Oscar... Como é que num instante ele podia ter desaparecido de forma tão estranha? Pois não estavam todos juntos? E ao ouvir os gritos do companheiro, não haviam corrido imediatamente? Lembrando-se, porém, de que Henrique e Samba também haviam desaparecido e foram logo encontrados, acalmaram-se.

Encontraram-se junto à laranjeira de folhas mirradas; só então repararam que as laranjas estavam quase maduras. Não eram laranjas grandes, bonitas; eram umas frutas pequeninas, mirradas como a árvore, mas para eles seria

um prazer saboreá-las. Pois não pensaram nisso; não pensaram em colher uma sequer, só pensavam no companheiro desaparecido.

Um grupo perguntou ao outro o que havia visto, o que havia ouvido. Nada. Ninguém ouviu, nem viu coisa alguma. Então onde estava Oscar?



21

A BUSCA

Voltaram pelo mesmo caminho; tornaram a bater nas paredes, a olhar com atenção as águas silenciosas, a jogar pedras e paus dentro do lago. Afinal Henrique disse:

— Vou descer por aquela reentrância onde estive ontem e vou dar uma volta no lago de baixo. Não creio que ele esteja lá, em todo caso vou procurar. Fiquem me esperando aqui.

— Como é que não nos lembramos do Lago Henrique? — perguntou Cecília. — Tinha me esquecido do outro lago...

— Eu não me esqueci — disse Vera. — Estava esperando acabar de procurar aqui para depois procurar no Lago Henrique.

— Eu vou com Henrique — disse Eduardo. — De repente você também não volta e então que havemos de fazer? Parece que cada dia um companheiro se lembra de desaparecer...

— Por isso eu estou louco por sair deste morro — falou Quico. — Estou cansado de passar mal e levar sustos...

Eduardo e Henrique desceram e entraram no buraco que havia na beira do lago; os outros debruçaram-se em cima e ficaram esperando. A todo instante perguntavam:

— Nada?

— Nada — respondia Eduardo lá debaixo.

Subiram outra vez muito tristes; não haviam encontrado nem sinal de Oscar. Samba também procurou em todos os recantos e não latiu, e os cães, quando encontram alguma novidade, sempre dão alarme.

— Quem sabe ele está na mina? — perguntou Cecília. — Vamos procurar lá?

— Não é possível. Se ele fosse para a mina, haveríamos de vê-lo ir para lá — respondeu Vera.

— Se quiserem vamos — disse Quico muito desanimado. — Devemos procurar por toda a parte.

Voltaram outra vez para dentro da mina de ouro; passaram pela gruta onde haviam escavado as paredes; chamaram em altos brados:

— Oscar! Os-car!

Foi quando Vera deu um grito de admiração:

— Olhem um sapato aqui na pedra! É de Oscar! É de Oscar!

Olharam todos, esperançados. Era de fato um pé dos sapatos de Oscar que estava ali sobre a pedra.

— Então ele passou por aqui — disse Eduardo. — Não compreendo coisa alguma...

— Então ele estava perto de nós quando gritou, não estava no lago — falou Quico.

Procuraram ativamente em todos os recantos, voltaram várias vezes para a margem do lago; já era meio-dia e não encontravam Oscar.

Cansados e desanimados, sentaram-se para descansar um pouco; sentiam fome o não tinham nada para comer. Não haviam pescado, as bolachas haviam se acabado e ali estavam eles famintos e à procura de um companheiro desaparecido, o que era ainda pior que a fome, pior que tudo.

Afinal Henrique levantou-se dizendo:

— Não deixem o fogo morrer, vou ver se pesco alguma coisa para comermos.

Os outros ficaram procurando Oscar; Eduardo pôs folhas secas na fogueirinha, para não deixá-la morrer. Percebia-se que Eduardo estava muito triste com o desaparecimento do irmão; nunca se largavam, andavam sempre juntos e agora Oscar não aparecia e ninguém sabia onde ele estava. Falou quase chorando:

— Tudo iria bem mesmo sem comida, sem água, sem nada, se Oscar não tivesse sumido.

— Daqui há pouco ele vem — disse Cecília assoprando o fogo. — Não lembra que Henrique sumiu e voltou, você caiu no buraco e tornou a sair...no fim tudo há de dar certo.

— Mas ele já devia ter voltado — disse Eduardo. — Há quantas horas ele sumiu?

— Eu estou ficando desanimado — falou Quico, deitando-se perto da fogueirinha.

Ficaram assim durante uma hora esperando Henrique que tinha ido pescar; de quando em quando um deles ia tomar um pouco de água, ou procurar Oscar por toda a parte. Em que lugar daquele morro Oscar estaria? Por que

não aparecia? Davam gritos para chamar a atenção do companheiro perdido ou então diziam para o cachorrinho: Procura, Samba!

Henrique voltou do lago com um peixe pequeno nas mãos; foi a única pesca daquele dia. Vera limpou e Cecília assou o peixe, que dividiram em pedacinhos e comeram. Estavam tão aborrecidos que não tinham fome.

O mais extraordinário foi que o cachorrinho não quis comer o pedacinho de peixe que Vera lhe deu. Ia e vinha, muito aflito, latia e voltava para um lugar perto da mina onde o sapato havia sido encontrado.

— Que tem Samba? perguntou Quico, animado. — Ele viu alguma coisa aqui perto...

22

A VOLTA DO COMPANHEIRO

— Ele descobriu alguma coisa! — disse Cecília ficando de pé. — Samba descobriu alguma coisa. Deve ser Oscar!

Ainda engolindo os últimos pedaços de peixe, correram para onde o cachorrinho estava latindo. Samba arranhava a parede com as duas patas, cheirava, olhava as crianças como se dissesse: "É aqui. É aqui que devem procurar".

Lembraram então de cavar naquele lugar onde Samba estava arranhando; foram buscar as ferramentas de ouro e começaram a cavar: rac... rac... rac...

Depois chamaram:

— Oscar! Você está aí, Oscar? Responda alguma coisa!

Só o silêncio respondia. Quico tornou a desanimar:

— Será que ele está mesmo atrás desta parede! Quem sabe é algum bicho que Samba farejou aí?

— Não, é Oscar mesmo — disse Eduardo, esperançado com a volta do irmão.

E cada vez animava mais o cachorrinho:

— Procura, Samba. Procura! Oscar! É você que está aí?

Nada. Nem uma resposta. Uma hora! Duas horas! Três horas!

E eles cavando sem cessar. Estavam suados, cansados, mas quando se lembravam de que Oscar devia estar ali, quem sabe quase sufocado sob montões de terra, cavavam, cavavam com mais força. Só paravam para beber água; passavam água fresca no rosto, no pescoço, nos braços. Voltavam de novo e trabalhavam: rac... rac... rac... Um dizia para o outro: Coragem!

O cachorrinho latia, cheirava a terra, tornava a latir, dava voltas, arranhava o chão. Parecia dizer: "Mais um pouco. Mais um pouco".

Eram três e meia quando Cecília disse que ouviu uma voz chamando, ficaram todos quietos, depois Eduardo gritou: Oscar!

Esperaram resposta — nada. Cecília teimou:

— Ouvi perfeitamente uma voz chamando. Não sei de onde vinha, mas ouvi. Parecia abafada...

Continuaram a escavar no mesmo lugar. Logo mais todos ouviram uma voz muito longe chamando. Era Oscar. Não havia mais dúvidas. Ele estava ali, meio sufocado, alguma parede havia desabado sobre ele.

— Depressa! — disse Henrique. — Vamos cavar mais depressa.

A terra ia se amontoando de um lado; era uma terra vermelha e fofa. Samba dava gritinhos: uau! uau! Eram latidos esganiçados, parecia nervoso. Cavava com as patinhas e jogava longe aquela terra fofa. Parecia querer auxiliar as crianças. Vera falou mais tarde:

— Vamos ficar quietos um instante e chamar. Vamos ver se ele responde.

Chamaram:

— Oscar! Você está aí

Ouviram uma voz que desta vez estava mais perto e respondeu:

— Estou aqui sim!

— Que lugar é esse? — perguntou Eduardo.

Não ouviram bem a resposta; parecia que ele dizia: "— Uma gruta".

Continuaram a trabalhar e às cinco horas da tarde a voz de Oscar estava bem mais perto, até que conseguiram libertá-lo dali. Estava todo sujo de terra, e tinha um peixe de mais de um palmo entre as mãos.

— Como foi isso? — perguntou Henrique. — Conte como foi. Onde esteve?

Oscar pediu água para beber, estava sedento; todos queriam lhe trazer água; afinal ele lavou as mãos, o rosto, tomou duas vasilhas cheias de água e sentou-se para contar o que havia acontecido. Todos ficaram sentados à volta e o cachorrinho pulava perto dele, contente por vê-lo são e salvo. Parecia radiante.



23

A HISTÓRIA DE OSCAR

— Antes de falar — disse Oscar — quero contar que estou com uma fome danada e queria que Vera fosse cozinhando este peixe.

— Onde encontrou um peixe tão grande? — perguntou Quico.

— Por que você não respondeu quando chamamos? — perguntou Eduardo.

Todos faziam perguntas ao mesmo tempo. Henrique pediu que ficassem quietos para ouvir a história de Oscar. Cecília e Vera abriram o peixe e começaram a limpá-lo. Mostravam-se contentes e aliviadas, pois o companheiro estava ali, alegre e fora de perigo.

Eduardo passava-lhe as mãos no rosto, sacudia a terra que estava no ombro de Oscar, visivelmente feliz com o aparecimento do irmão. Estavam a volta da fogueirinha e Oscar começou a falar:

— No momento em que deixei a escavação e fui ã beira do lago ver se Henrique havia pescado alguma coisa, vi que ele ainda não tinha pescado nada e estava aborrecido. Pedi a Henrique para segurar um pouco a corda para ver se eu tinha mais sorte. Então Henrique me deixou um instante e veio para cá; foi quando senti a corda mexer, puxei, era este peixe. Fiquei muito satisfeito, pois, desde que estamos aqui, não havíamos pescado um peixe tão grande.

Vera levantou o peixe no ar e o mostrou a todos; riram e Eduardo perguntou:

— Quico não estava também na beira do lago com você?

Quico respondeu depressa:

— Deixei Oscar sozinho na hora que Cecília chamou dizendo que a parede estava oca; foi um instante só.

— Foi isso mesmo — continuou Oscar. — Quando vi que já estávamos com o almoço garantido, levantei-me resolvi vir encontrar-me com vocês. Aí é que vem a história: vi um morcego enorme voejando sobre minha cabeça; resolvi acompanhar o bicho e pensei que com certeza ele saía da mina para fora do morro. Ora, se ele podia sair nós também podíamos. Fui atrás dele que ia voando... voando... até que entrou num buraco que havia na parede.

Nós estávamos aqui há tantos dias e não tínhamos visto ainda aquele buraco. Era da minha altura mais ou menos; entrei atrás do morcego para ver onde ele ia. Era uma espécie de gruta e estava cheinha de morcegos enormes, dependurados. Acho que eles estavam dormindo. Cada um... grande assim!

E Oscar juntou as duas mãos para mostrar o tamanho dos morcegos; os outros ficaram horrorizados e Cecília disse:

— Que horror! E você não ficou com medo?

— Fiquei a princípio, depois parece que me acostumei; eles não fazem mal, nem mordem.

Vera estava assando o peixe na ponta de um pau; achavam que assim era o melhor jeito de poderem comê-lo. Perguntou, assustada:

—Eles não chupam o sangue da gente? Ouvi dizer...

— Dizem que quando surpreendem algum animal dormindo, eles chupam o sangue. E da gente também; mas ali eles não podiam fazer mal algum. Só eram aborrecidos...

Oscar fez uma pausa, tomou mais água e continuou:

— Quando vi aquela bicharada, resolvi voltar e chamar vocês para ver, mas nesse instante, ouvi vozes. Eram vozes conversando, chamando, pensei logo que era gente que podia estar nos procurando. Não eram vozes conhecidas, portanto não eram vocês. Quem podia ser? Gritei, chamei, pedi socorro, nada. Parece que não me ouviram e os morcegos acordaram com os meus gritos e começaram a sair e voar sobre minha cabeça. Eu me defendia sacudindo os braços no ar, mas estava tão intrigado com aquelas vozes que não queria sair dali, queria descobrir onde estava aquela gente.

— Os morcegos queriam atacar você? — perguntou Quico.

— Não. Eles voavam porque estavam tontos, mas não me atacavam. Eu tinha a impressão de que aquelas pessoas estavam perto de mim, separadas por leve camada de terra, isso é que me deixava intrigado. Por que elas não podiam ouvir meus gritos? Apesar dos morcegos, comecei a bater nas paredes e no teto da gruta; nalguns lugares, o som era diferente, parecia oco. Percebi que aquelas pessoas que estavam falando, estavam em cima do morro, bem sobre minha cabeça e isso me deixava esperançado. Mas elas não podiam ouvir minhas batidas na gruta, porque a gruta era de pedra. Fiquei desesperado quando as vozes foram se afastando, então achei melhor sair da gruta e chamar vocês para descobrir o mistério. Ai aconteceu o pior: ouvi uma espécie de tiro muito forte, parecia mesmo uma bomba e a gruta e

os morcegos caíram em cima de mim. Fiquei meio tonto não sei quantas horas, caído no chão porque o baque foi muito violento, depois me levantei e procurei a saída. Até que ouvi barulho de escavação e vozes: eram vocês me chamando. Dei graças a Deus.

Houve um espanto geral. Todos queriam saber que vozes eram aquelas que Oscar ouviu; Henrique perguntou:

— E a bomba? Que seria?

Quico respondeu logo:

— Com certeza foi Padrinho ou papai que mandaram pôr aquela bomba. Garanto que é para dinamitar o morro e nos libertar.

Os outros concordaram; devia ser isso mesmo. Vera perguntou:

— Você não distinguiu nem uma voz, Oscar? Não era conhecida?

— Não — respondeu Oscar. — Eram vozes desconhecidas, mas deve ser isso mesmo que Quico falou. Querem nos libertar.

— Decerto não encontraram outro meio a não ser dinamite — falou Henrique.

— Devemos ir agora mesmo para lá e examinar a gruta — disse Eduardo.

Vera, muito prudente, avisou que o peixe estava pronto e como eram seis horas e todos estavam cansadíssimos, o melhor seria comer e dormir.

Foi quando Quico teve uma lembrança:

— E as laranjas? Então vamos jantar sem sobremesa? Esperem um pouco aí, eu vou colher as laranjas que estão quase maduras. Quando estávamos à procura de Oscar, eu ia apanhá-las mas não o fiz porque estávamos muito preocupados.

— Eu vou com você — falou Henrique. — De repente é outro que desaparece e a gente não tem sossego.

— Então vamos.

Foram os dois pela beira do lago e voltaram logo com os bolsos cheios de laranjas, que distribuíram para todos. Comeram os pedaços de peixe que Vera havia preparado, chuparam com prazer as laranjas que eram pequenas, mas doces; como quase todos tinham levado canivetes, foi fácil descascá-las. Deram peixe e pedaços de laranja ao cachorrinho. Depois foram dormir no lugar habitual, dentro da mina de ouro. Antes de dormir, Oscar abraçou Samba dizendo:

— Foi ele quem me salvou, não foi? Mostrou a vocês o lugar onde eu estava...

— Nem quis almoçar — disse Vera agradando o cachorrinho.



24

A GRUTA DOS MORCEGOS

Eram cinco horas da manhã do dia seguinte, quando todos acordaram, curiosos por conhecer o lugar onde Oscar encontrou tantos morcegos. Tomaram chá, depois as duas meninas foram procurar lenha para o fogo. Em seguida, cada um pegou seu instrumento de trabalho e saíram guiados por Oscar.

Chegando ao lugar onde ele havia estado prisioneiro, começaram a retirar a terra a fim de entrar na gruta. Mas a fome chegou cedo naquele dia, pois na véspera haviam comido pouco e trabalhado muito; sentiram fraqueza.

Então Quico e as duas meninas pediram a Henrique que fosse pescar; Eduardo resolveu acompanhá-lo, pois não era prudente que ele ficasse sozinho na beira do lago.

Assim foi feito. Enquanto os dois foram pescar, os outros continuaram a escavar com energia e esperança.

Já haviam trabalhado bastante quando Henrique e Eduardo apareceram com vários peixinhos e folhas de laranjeira para o chá. Trouxeram novas laranjas para sobremesa.

Os dois meninos contaram que haviam tomado banho no Lago Henrique, que era muito bom e de água muito fresca. O lago não era fundo e o banho foi agradável.

Os outros também foram; de dois em dois tomaram banho, depois comeram com apetite os peixes que Vera havia preparado. Voltaram novamente a trabalhar na escavação.

Já era tarde quando conseguiram entrar na gruta; viram muitos morcegos esvoaçando sobre eles; havia dezenas de outros dormindo, dependurados, à moda dos morcegos.

Samba latia para aqueles bichos esquisitos; depois cheirou um canto da gruta e ali ficou, latindo e olhando para as crianças.

— Esses morcegos devem sair para o ar livre durante a noite, pois eles caçam à noite. Vamos ver se descobrimos o buraco por onde eles saem.

Por mais que procurassem, não acharam saída alguma. O cachorrinho não deixava o canto da gruta, rosnando e cheirando.

Cecília debruçou-se para ver porque Samba estava latindo tanto; de repente ela exclamou pondo-se em pé:

— Estou sentindo um ventinho fresco aqui na minha mão; creio que há uma saída por aqui.

Todos foram ver. Uns colocavam a mão naquele lugar e não sentiam vento algum, outros diziam sentir. Eduardo disse que de fato devia haver ali uma comunicação com o ar livre. Vera observou:

— Quando havíamos de pensar que iríamos encontrar nossa salvação na Gruta dos Morcegos!

— Não sabemos ainda se estamos salvos — respondeu Henrique. — Deus queira que sim.

Cecília tornou a dizer:

— Vejam, vejam, senti o vento outra vez. É aqui onde Samba estava latindo.

No mesmo instante um morcego enorme caiu sobre os ombros de Cecília; Oscar deu um tapa e o derrubou. Veio outro e bateu no rosto de Vera; ela deu um grito e empurrou-o com as duas mãos.

Outro bateu em Quico, outro em Eduardo; as crianças começaram a se defender, com tapas e socos, daqueles bichos escuros e moles. Samba latia, dava pulos para caçá-los, muito aflito.

Resolveram deixar a gruta por causa dos morcegos. Henrique resolveu voltar para a margem do lago a fim de pescar mais uma vez; Oscar e Quico foram com ele.

Uma hora depois, voltaram com vários peixinhos nas mãos. Foram espiar a Gruta dos Morcegos e saíram correndo, impressionados com a quantidade de bichos que esvoaçavam lá dentro. Haviam acordado e deviam estar se preparando para ir caçar fora da gruta.

Henrique tinha um morcego colado as costas; foi Quico quem o tirou, com um safanão.



25

OUTRA TENTATIVA

Voltaram à gruta no dia seguinte bem cedo, a fim de verificar se havia mesmo uma saída por ali. Abandonaram então a escavação, pois acharam que se houvesse alguma saída, ela deveria estar na Gruta dos Morcegos.

Como esses bichos dormem durante o dia, as crianças podiam ficar à vontade na gruta desde que não fizessem algazarra que pudesse acordá-los.

Começou a procura do buraco por onde Cecília havia sentido o vento fresco. Ficaram de bruços no chão, passando as mãos aqui e ali. O cachorrinho também procurava, esfregando o focinho sem parar. Afinal resolveram começar a escavação no lugar onde Samba tanto latiu na véspera.

Durante uma hora trabalharam em turmas; quando deixavam o trabalho, iam tomar água e voltavam novamente para a gruta. Os morcegos estavam quietos, dormindo de cabeça para baixo.

— Que coisa engraçada — disse Oscar. — Como eles dormem diferente dos outros bichos. Vejam um pouco...

— Eles são diferentes em tudo — falou Quico. — Voam durante a noite c dormem de dia.

— E são mamíferos — falou Vera. — Fiquei sabendo outro dia na escola.

— Mamíferos? Então eles dão de mamar aos filhos? — perguntou Eduardo.

— Elas, as morcegas, dão — continuou Vera. — Tal qual as vacas no pasto.

Henrique interrompeu:

— Meio-dia, companheiros. Vamos comer alguma coisa.

Havia peixe da véspera. Comeram rapidamente, pois agora tinham certeza de que a salvação estava próxima. Quico e Eduardo foram correndo colher algumas laranjas, que serviram de sobremesa.

Voltaram à gruta e trabalharam até tarde, mas naquele dia não conseguiram muita coisa. Quando os morcegos começaram a voar sobre as cabeças deles, batendo num e noutro, deixaram a gruta e voltaram para a mina a fim de dormir.

Antes de dormir Quico contou que ouviu um tio falar sobre morcegos.

— Que tio? — perguntou Cecília.

— Tio Raul — respondeu Quico.

Os outros queriam saber do que se tratava e Quico falou:

— Uma vez tio Raul viajava pelo sertão de Goiás; as cidades por onde ele passava eram pequenas e não possuíam hotéis. Nem eram cidades, eram vilas com uma rua só. Certa vez, numa dessas vilas, ele foi dormir numa espécie de barracão abandonado; ele e vários camaradas que sempre o acompanhavam. Fizeram comida, deram a ração aos cavalos, tiraram as cobertas, enrolaram-se nelas e foram dormir. De repente começou um barulhão danado: eram centenas de morcegos que dormiam no barracão e estavam aos guinchos, batendo as asas, brigando na escuridão. Ninguém podia dormir com aquilo; às vezes caia um bolo de morcegos sobre um camarada ou sobre a cabeça de tio Raul. Então tio Raul, tirou o revólver e teve a ideia de dar uns tiros para o ar a fim de espantar os bichos. Não conto nada: havia tanto morcego que quando tio Raul deu os tiros no escuro, sem ver nada, caiu tanto morcego morto por todos os lados que ninguém mais pensou em dormir. Levantaram-se e foram dormir fora, debaixo de uma árvore.

—Pois eu creio que nesta gruta onde estamos fazendo escavação, há também centenas de morcegos — falou Henrique.

— Graças a Deus aqui na mina não há — falou Cecília. — Senão a gente nem podia dormir.

— Se eu tivesse um revolver como tio Raul, atirava neles — falou Quico.

— E de que serviria? Mesmo que matasse alguns, ficariam centenas — disse Vera.

— Mas ao menos espantava os tais… — disse Quico.

— Eu vou tratar de dormir, estou com sono — falou Cecília.

Estavam tão cansados que dormiram logo. Acordaram de madrugada e ouviram o barulho que haviam ouvido noites antes: plaf...plaf... cada vez mais perto. Henrique levantou-se, resoluto:

— Desta vez vou ver que barulho é esse.

Pegou um graveto que estava queimando e podia servir para iluminar o caminho. Antes que ele saísse, Oscar e Eduardo levantaram-se:

— Eu também vou.

— Eu também vou.

Quico levantou-se:

— Quem é que disse que eu não vou? Vamos ver que bicho é esse que nos acorda quase todas as manhãs. Qual medo nada! Não temos medo, somos valentes.

— Bravo! — disse Vera. — Eu também não tenho medo e quero ir com vocês.

— Eu também vou — disse Cecília.

— Então ninguém fica aqui para contar a história se o bicho nos pegar. Samba também vai. Vamos todos.

Cada qual pegou um tição e foi atrás de Henrique; Samba já estava na abertura da mina latindo corajosamente.

Passaram pelo buraco e iluminaram a gruta vizinha; nada. Foram andando bem devagar, cautelosos, olhando para todos os lados. Viram finalmente um grande sapo; não imaginavam que houvesse sapos daquele tamanho; era enorme, barrigudo, olhos esbugalhados, dava até medo.

O sapo começou a saltar na frente deles a caminho do lago e cada salto que dava, fazia: plaf... plaf... plaf... no chão.

— É esse o barulho... — disse Henrique dando risada. — Viu como foi bom a gente ter coragem e vir ver o que é? Decerto ele mora no lago e sai todas as noites para dar seu passeio e comer bichinhos. Ora, um sapo... Eu pensava tanta coisa, menos que fosse sapo.

— Mas é enorme — disse Vera. — Nunca vi tão grande assim. Dá até medo...

— Qual o quê, sapo não faz nada — disse Quico.

E Quico deu uns pulinhos na frente do sapo. Assim foram chegando e acompanhando o sapo até à beira do lago. Lá chegando, ele deu um grande pulo para dentro da água; ficaram todos na margem, olhando.

A água do lago espirrou para todos os lados; então perceberam que aquilo que os havia assustado tanto no primeiro dia e fazia as águas subirem e se encresparem, não passava de um sapo.

Ficaram algum tempo debruçados na margem; depois quando as águas ficaram quietas novamente, as crianças riram, bateram palmas. Já não tinham medo de coisa alguma. O barulho que ouviam todas as madrugadas; aquele plaf...plaf...que tanto os havia amedrontado a princípio, era também produzido pelo sapo quando saía à procura de bichos para comer.

Agora eles estavam ali, rindo e comentando, sem medo. Vera lembrou:

— Vamos tratar da nossa saída? E continuar a escavar o buraco?

— Vamos — disseram todos.



26

OS OLHOS NA ESCURIDÃO

Trabalharam até tarde, procurando aumentar o buraco da Gruta dos Morcegos.

Quando cansaram, voltaram à mina de ouro para dormir; deitaram-se e ficaram descansando; estavam tão contentes com a ideia de fugir da mina que nem podiam dormir. Pelo tamanho do buraco, no dia seguinte eles poderiam passar através dele e deixar o morro.

Trocaram ideias e conversaram; Vera disse:

— Tenho palpite que esta é a última noite que passamos aqui. Imagine a alegria dos nossos pais amanhã, quando nos virem. E de Padrinho também.

— Eu desconfio que eles estão nos procurando em cima do morro — falou Cecília. — Será que eles pensam que morremos?

Oscar suspirou e não disse nada. Só pensava no dia seguinte, quando aspirasse o ar livre. Como seria bom!

Henrique falou que nem acreditaria quando visse os raios do sol brilharem sobre as plantas, as casas, a cidade inteira. Terminou:

— E sobre minha cabeça também...

— Como deve ser bonita a cidade cheia de casas... E as árvores bem grandes, verdes, cobertas de folhas! — suspirou Quico.

— Eu não quero coisa alguma... Só quero ver mamãe e papai — disse Eduardo.

— Eu quero ver tudo, — suspirou Vera.

— Eu quero ver papai e mamãe e quero também ir ao cinema — falou Cecília.

Eduardo fez:

— Psiu! — bem baixinho e mostrou para Oscar um canto da mina.

— Que é? perguntou Oscar, olhando admirado para aquele lugar.

— Não sei — sussurrou Eduardo. — Creio que e um bicho que está olhando para nós...

Eduardo cochichou no ouvido de Quico e Quico cochichou no ouvido de Henrique, Henrique cochichou para Vera e Vera para Cecília:

— Há um bicho ali naquele canto olhando para nos...

Todos se mexiam bem devagarinho para não assustar o bicho; como a escuridão era grande, só viam dois olhos brilhando para o lado deles. O fogo estava quase apagado, só havia umas brasinhas ardendo no meio da mina; e no canto, os dois olhos fixos neles.

Ficaram sem saber o que fazer. O que seria melhor? Espantar o bicho? Gritar? Aumentar o fogo para assustar o animal?

Com muito cuidado, mostraram os olhos para o cachorrinho ver; se fosse bicho grande. Samba latina, faria barulho. Regaram Samba que estava cochilando perto de Eduardo, viraram a cabeça do Samba para o lado onde estavam os olhos misteriosos. Samba olhou, mas não deu importância. Eduardo cochichou no ouvido dele.

— Pega, Samba. Veja que bicho é aquele.

O cachorrinho não queria saber de coisa alguma; queria dormir. Oscar também falou no ouvido dele:

— É um bicho, Samba. Você não quer pegar aquele bicho? Veja os olhos dele como são grandes. Não tira os olhos daqui.

Samba virava para o lado onde estavam os olhos, depois desinteressava-se e procurava deitar-se para dormir. Eduardo segurava o focinho dele na direção do animal misterioso; Samba cochilava, o focinho na mão de Eduardo.

Oscar falou bem baixinho no ouvido das duas meninas:

— Aqui não temos galhos para pôr no fogo. Não seria melhor um de nós tirar o casaco e pôr no braseiro?

Henrique que tinha ouvido, respondeu:

— Não. Vamos esperar primeiro. Se o bicho se mexer nós gritaremos e aí jogarei meu casaco no fogo. O cachorrinho não está se importando, vai ver que não é bicho.

— Então o que poderá ser? — perguntou Quico. — Veja que olhos brilhantes e grandes; deve ser uma raposa.

— Por onde ela poderia ter entrado? — perguntou Cecília. — Nunca vimos raposa aqui.

— Quem sabe ela entrou pelo buraco que fizemos na Gruta dos Morcegos — falou Eduardo. — O buraco não dá para nós passarmos, mas dá para uma raposa...

— Eu acho que se fosse raposa, ela não ficaria olhando a gente desse jeito; já tinha se mexido — falou Vera.

— Eu também acho — falou Oscar. — Para mim é uma ave. Quem sabe é uma coruja?

Alguns concordaram com Oscar. Henrique disse que coruja tem os olhos ainda maiores e mais redondos. Ele achava que não era coruja. Que seria? Não tiravam os olhos do bicho e o bicho não se mexia. Só viam aqueles olhos brilhantes fixos neles.

Seria sapo? Não, não parecia. Não eram olhos como os de sapo; eram muito brilhantes... Devia ser algum animal desconhecido que eles ainda não haviam encontrado dentro daquela mina. Por que não apareceu antes? Nenhum deles tinha coragem de gritar para espantar o animal. E se fosse grande e perigoso?

Cecília deu um suspiro:

— Justamente agora na véspera da nossa salvação aparece esse bicho estranho para nos atrapalhar.

— Vamos gritar? — propôs Quico. — Quem sabe a gente grita e ele sai correndo?

— E se ele não sair? — perguntou Vera. — O melhor é ficarmos quietos e esperarmos.

— Até quando? — perguntou Eduardo. — Vamos passar a noite desse jeito?

— Até amanhã — respondeu Vera. — Que se há de fazer?

— A gente não pode dormir com esses olhos brilhando assim — falou Henrique. — Por que ele não olha para outro lado?

Nenhum deles podia dormir, viravam de um lado para outro, mas sempre olhando para o lado onde estava o bicho. Henrique propôs:

— Vamos deixar dois vigiando enquanto os outros dormem. Eu e Oscar ficamos vigiando até meia-noite, depois nós dormimos e Eduardo e Quico ficam acordados. Não adianta ficarmos sem dormir a noite toda. Se o bicho sair do lugar, acordamos vocês todos. Podem dormir...

— E nós? — perguntou Cecília. — Nós também podemos ficar vigiando.

— Como é que a gente pode dormir com esses olhos olhando para nós? — perguntou Vera. — Tenho certeza de que não dormirei.

Mal acabou de falar, recostou a cabeça no ombro de Cecília e foi a primeira a ressonar. Cecília também dormiu. Os outros ficaram acordados

até tarde olhando para o canto onde estava o bicho esquisito. Quico e Eduardo dormiram tarde; Quico acordava de vez em quando e perguntava:

— Ele não se mexeu? Está sempre no mesmo lugar?

— Sempre — respondia Henrique que estava de plantão. — Pode dormir sossegado.

Quico ressonava novamente. À meia-noite, Henrique acordou e perguntou se queriam que ela também vigiasse.

— Não — disse Eduardo. — Pode dormir que nós tomamos conta do tal.

Henrique e Oscar recostaram-se para dormir um pouco. Cecília dormia a sono solto, sem pensar em bicho algum. Os que estavam de vigia, ficavam cada vez mais impressionados. Como é que aquele bicho não saía do lugar? Com aqueles olhos sempre brilhando daquele jeito? Seria mesmo um bicho? Que mais poderia ser?

Quico disse que tinha vontade de atirar qualquer coisa naquele canto para ver se ele se mexia. Eduardo aconselhou-o a não fazer nada e esperar. Logo todos acordariam e veriam que animal era aquele, que não se mexia e olhava firme daquele jeito.



27

O ANIMAL DESCONHECIDO

Às cinco horas da manhã, Henrique acordou: olhou as horas e disse que o melhor era todos se levantarem; havia muita coisa para fazer naquele dia. Cada um foi acordado, sacudido por Quico que dizia ao ouvido de todos:

— Acorde, vamos tratar de fugir... O bicho está no mesmo lugar.

Cecília acordou dizendo logo que estava com fome e sonhou que estava comendo uma boa macarronada. Vera pediu para não falarem em comida; ela também estava com fome. Nesse instante lembraram-se do bicho e olharam para o canto: lá estavam os dois olhos brilhando na escuridão.

Henrique aconselhou:

— Vamos gritar todos ao mesmo tempo para espantar esse bicho; quando ele fugir, correremos todos atrás...

— E se ele não fugir? — perguntou Quico.

— Com nossa gritaria, há de fugir — disse Cecília.

— E se ele não fugir, fugiremos nós — falou Oscar.

Henrique contou devagar:

— Um... dois... três...

Começaram a gritar com toda a força; os olhos não piscavam, nem saíam do lugar. Que seria aquilo?

— Isso não é bicho, não é coisa alguma — disse Quico dirigindo-se para o lugar onde estavam os olhos.

Samba não estava se importando; várias vezes aproximou-se do lugar onde estavam os olhos, mas não latiu. Henrique pegou num pedacinho de galho e disse:

— Vamos avançar todos juntos.

— Sai, bicho — falou Vera batendo os pés no chão da mina.

Foram avançando, Oscar e Quico à frente, resolutos e valentes. Os dois pontinhos luminosos continuaram imóveis, não, se importaram com aquelas crianças que se aproximavam sem medo algum.

Chegando mais perto, as crianças viram que o "animal desconhecido" era dois vaga-lumes colocados um ao lado do outro; a certa distância, pareciam

dois olhos brilhantes. Começaram a rir de alegria por ver que espécie de bicho era aquele.

— Estarão vivos? — perguntou Eduardo inclinando-se.

Os dois pobres vaga-lumes que tanto haviam assustado as crianças, estavam mortos e apesar de mortos, as pequenas luzes que eles carregam nas costas, ainda brilhavam com tanta força como se estivessem com vida.

— Como é engraçado — comentou Vera colocando os vaga-lumes na palma da mão.

— São minúsculos — disse Henrique. — Nunca pensei que fossem tão pequenos.

Apesar de minúsculos, assustam e tiram o sono da gente — respondeu Oscar.

Acharam tanta graça quando lembraram a noite mal passada por causa daqueles vaga-lumes, que começaram a rir sem parar, cada um se lembrava do que o outro havia dito e do medo que haviam tido.

Estava explicado porque o cachorrinho não se importou; ele sabia que aquilo não era perigoso. E os meninos ficando de plantão, dois a dois, para vigiar vaga-lumes mortos... E riam, riam...

— Vamos tratar da vida — disse Henrique. — Estou com palpite que hoje deixaremos esta mina de ouro.

— Eu também tenho esse palpite — falou Quico. — Mas antes de ir quero ajuntar tanto ouro quanto couber nos meus bolsos.

— Ah! Isso eu também — falou Cecília. — Vou encher minha blusa de pedaços de ouro, que levarei para mamãe.

Deixaram a gruta, um por um. Tomaram água na gruta seguinte e de repente Eduardo falou, entusiasmado:

— Escutem. Como é que entraram vaga-lumes na mina? Nunca vimos esses bichinhos antes... vai ver que eles entraram pelo buraco que fizemos na Gruta dos Morcegos...

Deram gritos de alegria. Devia ser isso mesmo; já tinham comunicação com o ar livre, pois os vaga-lumes haviam entrado de fora. Isso queria dizer liberdade. Agora sim, havia esperança.

Correram juntos para a Gruta dos Morcegos, os corações batendo, esperançados.



28

O ULTIMO DIA

A pressa era tanta que tropeçaram no caminho. Chegaram à gruta. Uma tênue claridade entrava pelo buraco que haviam cavado na véspera; os vaga-lumes haviam entrado por ali. E por ali seria a salvação, não havia dúvida

— Ah! Minha macarronada — disse Cecília, alegre. — Hoje é o dia da minha macarronada. Vamos trabalhar.

Todos queriam escavar ao mesmo tempo; mas não havia lugar para trabalharem juntos. Dois foram escalados para pescar: Quico e Eduardo. As duas meninas foram encarregadas de procurar lenha, como sempre.

— Será possível que a gente ainda tenha que comer peixe sem sal? — perguntou Vera quando deixou a gruta.

— Não sei se poderemos deixar hoje a mina. Temos que comer alguma coisa. Ontem não comemos quase nada, todos estão fracos — disse Henrique.

— É hoje o dia da nossa salvação — falou Cecília. — Vou procurar lenha à-toa, mas hoje fugiremos daqui. Vocês vão ver.

Henrique e Oscar riram; todos estavam alegres. Trabalharam até meio-dia, depois se revezaram. Quico e Eduardo haviam pescado um peixe tão pequeno que não dava para todos. Então Henrique e Oscar foram ver se pescavam alguma coisa enquanto os outros dois ficavam cavando o buraco.

Eram duas e meia quando Henrique apareceu com mais alguns peixinhos que as meninas foram limpar e preparar. Assim, uma hora depois, todos comeram uns pedaços de peixe e beberam água.

Então Quico, que havia cavado por último, contou que encontrou pedra dos dois lados da escavação, e estava muito triste. Disse que talvez não pudessem deixar a mina por causa das pedras.

Foi um momento de grande ansiedade e tristeza. Seria isso possível, depois de tanta esperança?

Henrique foi imediatamente ver o trabalho de escavação; havia pedra, mas escavando um pouco mais para a frente, poderiam escapar. Dizendo isto, Henrique chamou o cachorrinho e fez com que ele passasse entre as pedras

para sair ao ar livre. Samba conseguiu passar, deu umas voltas lá fora, latiu um pouco e voltou sacudindo o toco de rabo, muito satisfeito.

As crianças deram gritos de alegria; iriam sair naquele mesmo dia. Queriam saber o que Samba havia visto lá fora, como se o cachorrinho pudesse responder. Esse seria realmente o último dia na mina de ouro. Que bom!

Quico cavava com força; nem sentia o suor correr-lhe pelo rosto. Eduardo e Oscar revezavam com Quico. De repente gritaram quase ao mesmo tempo:

— Venham ver. Já dá passagem.

O buraco era estreito, mas dava para saírem, um por um, arrastando-se pelo chão. Era a liberdade. Cecília gritou:

— E o ouro? Então vamos embora sem levar o ouro de presente para Padrinho? Para mamãe e papai?

Vera mostrou tudo o que ela já havia reunido para levar: havia muito ouro, até dentro da blusa. Os outros concordaram com Cecília e Vera. Correram para dentro da mina, cataram pedaços de ouro brilhante e encheram os bolsos, puseram dentro dos lenços, encheram as duas mãos. As meninas voltaram à mina para arranjar mais, encheram as blusas.

Samba nada fazia a não ser latir de contentamento. Corria de um lado para outro, voltava à Gruta dos Morcegos, bebia água na outra gruta, voltava à mina de ouro onde tinham dormido durante todo o tempo, saía outra vez, sem saber o que fazer.

Depois que estavam cheios de pedaços de ouro de todo o tamanho, as crianças voltaram correndo para a Gruta dos Morcegos, derrubando ouro pelo caminho. Agora era tratar de fugir, deixar aquele morro na mesma hora. Se deixassem para mais tarde, os morcegos acordariam e fariam tal algazarra que talvez eles não pudessem fugir.

— Quem passa primeiro? — perguntou Henrique.

— As meninas devem passar primeiro — disse Oscar. — Em todas as ocasiões de perigo, as mulheres salvam-se em primeiro lugar.

— Está certo — respondeu Eduardo. — Mas aqui não é a mesma coisa, é melhor um de nós ir na frente, não se sabe o que se vai encontrar pelo caminho. Se quiserem, eu vou.

— Então vai Eduardo — falou Henrique.

Eduardo olhou para todos os lados como se se despedisse dos companheiros; ficou de quatro no chão e disse:

— Até logo.

— Não vai se despedir da mina de ouro? — perguntou Quico, rindo.

— Já me despedi e estou com bastante ouro nos bolsos... — respondeu.

Enfiou a cabeça no buraco e começou a rastejar como cobra; os outros ficaram olhando até Eduardo desaparecer. Henrique aconselhou às duas meninas que seguissem atrás de Eduardo; Cecília disse que iria no mesmo instante. Preparava-se para entrar na passagem, quando todos viram os pés de Eduardo aparecerem de novo.

Vinha voltando. Foi um susto; ficaram pálidos de ansiedade. Vera foi a primeira a perguntar:

— Que há? Não há passagem? Por que voltou?

— Passagem há — respondeu Eduardo. — Mas é tão estreita que não se pode passar com estes pedaços de ouro no bolso. Vim deixar o ouro aqui.

E começou a tirar os pedaços de ouro que foram caindo no chão. Ficaram todos apreensivos, sem saber o que fazer. Seria tão bom se pudessem levar aqueles presentes para casa; seriam tão apreciados! Não se poderia dar um jeito?

Quem sabe encontrariam um meio de levar o ouro? Olharam uns para os outros coçaram as cabeças, andaram de um lado para outro, pensativos. Que fazer?

— Não passa mesmo? — perguntou Henrique. — Você experimentou de todo o jeito?

— De todo jeito, respondeu Eduardo. — Não passa mesmo; o lugar é tão apertado que se nós não estivéssemos magros, não passaríamos. É apertadíssimo...

— Mas é uma pena a gente não poder levar estes presentes para casa — falou Cecília, tristonha. — Não me conformo...

— Eu me conformo — falou Eduardo. — Antes a liberdade que o ouro...

E dizendo isto, Eduardo inclinou-se novamente e desapareceu no buraco da gruta. Oscar deu um grito triunfante:

— Tive uma ideia, Eduardo! Volte! Empurre o ouro na frente de você. Você vai rastejando e empurrando as pedras na frente. Experimente.

Eduardo que havia voltado, aproveitou a ideia de Oscar. Colocou as pedras no chão dizendo:

— Boa ideia! Mas se me atrapalhar, largo tudo no caminho. Prefiro a liberdade!

— Naturalmente — disse Henrique. — De que adianta o ouro sem a liberdade?

Os outros tiraram os pedaços de ouro dos bolsos, das blusas; cada um tirou um monte para ir empurrando quando passasse pelo buraco. Eduardo sumiu de novo na abertura, empurrando os pedaços de ouro na frente. O cachorrinho que estava pulando de aflição, foi atrás de Eduardo.

29

SALVAÇÃO

Ficaram inquietos, esperando que Eduardo chegasse do outro lado. Não aconteceria nada pelo caminho? Eduardo chegaria ao fim? Atravessaria o morro? Teria a liberdade tão desejada?

Foi quando ouviram a voz dele, muito longe e abafada:

— Venham, já passei!

Tiveram vontade de perguntar: "— Não aconteceu coisa alguma pelo caminho? Chegou bem?" Mas não perguntaram, tinham pressa de salvação, queriam o ar livre.

Cecília foi logo em seguida; começou a rastejar pela passagem, dizendo que não queria despedir-se da Mina de Ouro, nem do Lago Henrique, nem de nada. Tinha pressa de sair dali. E desapareceu pelo buraco adentro.

Depois foi Vera. Colocou grandes blocos de ouro na sua frente, para levar de lembrança a papai e mamãe. Empurrando aquela fortuna, também desapareceu na passagem.

Depois das meninas, foi Quico, depois Oscar. Cada um deles queria levar uma fortuna maior que a do outro; empurrando aquele ouro todo, rastejavam pela passagem. Henrique foi o último a deixar a Gruta dos Morcegos. Como verdadeiro chefe, foi o último a se salvar.

Assim todos eles, cada um por sua vez, rastejando como cobras, procuraram a salvação através da passagem do morro. Mas a passagem era tão estreita e tão escura que eles foram se esquecendo do ouro tão precioso que iam empurrando. E aquela fortuna foi se perdendo... Cada um pensava em se salvar e chegar do outro lado do morro. Que importavam uns pedaços de ouro? Primeiro a vida!

O ouro foi ficando pelos recantos e caindo no buraco que havia bem no meio da passagem... Eles passavam por cima do buraco e ouviam naquela escuridão o som do ouro que rolava lá embaixo: tum... tum...

Era a fortuna que ia ficando... O ouro que iam perdendo...

Assim chegaram ao fim da passagem e reuniram-se de novo em cima do morro, respiraram o ar livre e puro. Respiraram com força. Estamos salvos!

— Chegamos, finalmente — falou Oscar, suspirando. — Mas perdi todo o ouro no caminho.

Os outros confessaram que também haviam deixado a fortuna, ninguém era rico como pensava. Vera disse que chegou a guardar uma pedrinha na boca, assim ao menos um pedacinho do ouro levaria para casa... Mas qual. Até aquela pedrinha havia perdido na pressa de sair da escuridão.

— Ao menos estamos livres — falou Quico respirando com força o ar do morro. — Que adianta a fortuna sem liberdade?

— Podíamos ter os dois — falou Oscar.

— Mas e quando a gente tem que escolher? — perguntou Quico.

— Ah! Mil vezes a liberdade — disseram todos.

— Então devemos dar graças a Deus por termos a liberdade — disse Cecília.

— Nós tivemos que escolher — falou Henrique. — Ficamos com o que havia de melhor. Viva a liberdade!

— Viva! — exclamaram todos.

Começaram a descer o morro, mas nem sabiam andar com firmeza; tropeçavam a todo o instante, não sabiam se era de fraqueza ou porque a tarde estava muito clara e bonita e eles se haviam habituado à escuridão da mina.

Foram descendo, tontos de alegria e de liberdade. Estavam contentes, mas não tinham vontade de conversar. Samba ia trotando na frente, muito contente também, decerto admirado por estar salvo, depois de tanta escuridão e fome, dentro daquele morro.

30

EM CASA



Logo mais abaixo, encontraram Padrinho, que estava acampado no morro desde que eles haviam desaparecido. Foi um entusiasmo e uma gritaria quando viram Padrinho. Abraçaram-se. Contentes e felizes. Nem podiam falar de tanta pressa que cada um tinha de contar as próprias aventuras.

Padrinho falou da aflição em que os pais estavam, não havia sossego em lugar algum; então ele resolveu ficar ali no morro e vigiar o Jaraguá noite e dia. Tinha quase certeza de que eles estavam lá dentro... Mas como haviam entrado? E como haviam de sair?

Então contou que ele e uns companheiros, davam voltas e mais voltas em cima do morro, gritavam, soltavam bombas para ver se descobriam onde eles estavam.

Quando Padrinho falou em bombas. Oscar deu um grito:

— Foi isso que eu ouvi quando estava na Gruta dos Morcegos! Foi isso! Caíram pedaços de pedra e terra em cima de mim e fiquei preso na gruta sem poder sair. Os morcegos voando sobre minha cabeça. Então era uma bomba! Parecia um trovão...

Enquanto eles falavam, Padrinho tirou pão e queijo de uma bolsa que levava a tiracolo e foi distribuindo entre todos; até sentaram no chão para comer melhor e com mais sossego.

Deram um grande naco de queijo a Samba, que devorou sem sentir o gosto... Padrinho deu mais, depois distribuiu laranjas que também trazia a tiracolo...

Foi uma festa. Estavam até comovidos. Quando as crianças contaram que Samba havia entrado na Gruta dos Morcegos e latido durante muito tempo num lugar só, como a contar que a salvação estava ali, Padrinho abraçou Samba e carregou-o no colo.

Depois deu mais pedaços de queijo e pão ao cachorrinho; este engolia sem mastigar, de tanta fome. Quando chegaram perto do automóvel de Padrinho, ele deu café quente a todos para que se sentissem mais fortes.

Padrinho fez todos entrarem no automóvel e levou-os para casa; naquela mesma tarde, cada um foi abraçado muitas vezes por papai, mamãe e os outros irmãos. Foi uma festa para toda a família.

As crianças queriam contar, todas ao mesmo tempo, o que lhes havia acontecido. Falaram da mina de ouro e da fortuna que haviam deixado pelo caminho. Contaram as proezas dentro do morro e as aventuras que haviam passado.

Todos jantaram muito bem naquela noite e foram dormir logo; acharam os colchões macios e tudo tão bom em casa que descobriram que nada é melhor que a vida na casa da gente, a afeição do papai, da mamãe e dos outros da família.

Nada é tão bom como essa tranquilidade; aquele ouro todo que eles queriam trazer para casa e se perdeu no caminho, não faria a felicidade de ninguém. Só poderiam guardá-lo como lembrança daquela semana que eles não queriam que se repetisse.

Durante muito tempo, gostaram de contar aos pais e irmãos, o que haviam visto dentro do morro e as aventuras que haviam tido naqueles dias em que estiveram perdidos. Acharam também que que a liberdade vale mais que tudo, mais que todo o ouro do mundo, e só compreenderam isso quando se viram prisioneiros na Mina de Ouro.

Só Samba não podia falar. Quando via todos os meninos reunidos, conversando sobre a aventura do Morro do Jaraguá, ele latia e sacudia o toco de rabo, como se quisesse também contar alguma coisa a respeito daqueles dias, diferentes de todos os outros dias.

Parecia querer contar a extraordinária aventura da Mina de Ouro do Morro do Jaraguá.



ORELHA DO LIVRO

Não é para me gabar, mas a coleção Cachorrinho Samba vem conquistando leitores há mais de 50 anos.
O sucesso é tanto que vira e mexe estou ouvindo alguém comentar:
“Samba é aquele tipo de bicho que sempre sonhei ter um dia.
Ele é amigo, carinhoso, engraçado... acho que só falta falar.
(Ora, até parece que não sei falar!)
O pessoal também adora a turminha de garotos que são meus amigos.
O pessoal também adora a turminha de garotos que são meus amigos. Seja na fazenda, na floresta ou na cidade, já vivemos cada aventura incrível juntos!
Vamos... agora é a sua vez de descobrir por que eu sempre fui tão querido pela garotada.



MARIA JOSÉ DUPRÉ
(1898 1984)

Quem consegue criar um personagem como o cachorrinho Samba tem que conhecer e gostar muito de animais. Maria José nasceu na cidade paulista de Botucatu e cresceu respeitando e admirando os animais e a natureza. Adolescente, mudou-se para São Paulo, onde se formou professora.

Entre os seus livros para adultos, escreveu o romance Éramos Seis, que até hoje é bastante lido e já virou filme e novela de televisão.

Maria José produziu uma série de histórias para crianças, sempre cheias de aventuras e com personagens simpáticos. Como o cachorrinho Samba, que dá título a esta premiada coleção agora relançada pela Ática com novo projeto gráfico.